



—
literatura
livre

As roupas fazem as pessoas

GOTTFRIED KELLER

Kleider Machen Leute (1874)

Tradução: Giovane Rodrigues Silva

Edição bilingue: POR/GER

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

As roupas fazem as pessoas

Gottfried Keller

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

As roupas fazem as pessoas

Gottfried Keller

Tradução:

Giovane Rodrigues Silva

AS ROUPAS FAZEM AS PESSOAS

Em um dia pouco amigável de novembro, um alfaiatezinho pobre caminhava na estrada para Goldach, cidade pequena, mas rica, distante apenas algumas horas de Seldvila. Em seu bolso, levava unicamente um dedal que, na falta de uma moeda, girava entre os dedos toda vez que metia as mãos nas calças por conta do frio; e os dedos lhe doíam demais em razão desse girar e esfregar. Acontece que, por conta da falência de um dos mestres alfaiates seldvilenses, ele tinha perdido tanto seu salário quanto seu emprego, e precisou emigrar. No café da manhã, ele havia comido somente alguns flocos de neve que lhe voaram à boca e não tinha a menor ideia de onde lhe poderia surgir um ralo almoço. A mendicância era, para ele, algo extremamente difícil; parecia-lhe, na verdade, completamente impossível, pois, sobre a sua roupa preta de domingo, que também era a sua única, ele vestia um sobretudo cinza escuro recoberto de veludo preto, o qual emprestava ao seu

dono uma aparência aristocrática e romântica, ainda mais porque o alfaiate tinha os longos cabelos negros e o delgado bigode cuidadosamente aparados, além de gozar de traços harmoniosos, apesar de pálidos.

Tal aspecto era uma necessidade para ele, sem que, com isso, tramasse alguma maldade ou ardil; ao contrário, contentava-se com que lhe deixassem trabalhar em paz; mas preferiria passar fome a se separar de seu sobretudo e seu gorro felpudo polonês, os quais ele certamente sabia trajar com grande elegância.

Por essa razão, ele só podia trabalhar em cidades grandes, onde essas suas características não se sobressairiam; quando viajava a esmo e não levava economias consigo, acabava se metendo em grandes adversidades. Quando se aproximava de uma casa, as pessoas o observavam com espanto e curiosidade, e esperavam qualquer coisa, menos que mendigasse. Assim, deixavam-no passar fome, uma vez que ele, além de tudo, também não era hábil com as palavras. Era, em consequência, o mártir de seu sobretudo e passava fome, uma fome tão negra quanto seu veludo.

No momento em que subia penosa e debilmente uma colina, deparou com uma carruagem nova e confortável, que um cocheiro havia buscado na Basileia para levar a seu senhor, um conde estrangeiro hospedado em um antigo castelo, aluga-

do ou comprado, em algum lugar no oeste da Suíça. O coche possuía diversos aparatos destinados a acomodar a bagagem e, por esse motivo, parecia completamente carregado, embora estivesse de todo vazio. Em razão do caminho íngreme, o cocheiro seguia ao lado dos cavalos; quando chegou ao topo ele voltou a montar o animal, perguntou ao alfaiate se não gostaria de tomar assento no carro vazio. Naquele instante começava a chover e ele rapidamente notou que, esgotado e debilitado, o caminhante seguia aos trancos e barrancos.

O alfaiate aceitou a oferta com gratidão e humildade. Em seguida, o coche avançou rapidamente com ele a bordo; no intervalo de uma breve hora, cruzou majestoso e imponente o portão de entrada de Goldach. Diante da primeira hospedaria, chamada A Balança, a nobre carruagem parou de chofre; no mesmo momento, um servo soou o sino tão violentamente que a corda quase arrebentou. O hospedeiro, acompanhado de mais gente, desceu às pressas e escancarou a porta do coche; as crianças e os vizinhos já cercavam o suntuoso carro, curiosos para saber que surpresa aquele envelope fantástico escondia. Quando, espantado, o alfaiate finalmente saltou com seu sobretudo, olhando para o chão, pálido, belo e melancólico, ele lhes pareceu não ser nada menos que um príncipe misterioso ou o filho de um conde. O espaço entre a carruagem e o portão da hospedaria era curto e, além disso,

seu caminho fora obstruído pelos curiosos. Fosse por falta de determinação ou de coragem para atravessar a multidão e simplesmente seguir seu caminho —, o alfaiate não o fez, mas se deixou levar involuntariamente para dentro da casa e escada acima, percebendo sua nova e estranha situação apenas quando viu que lhe acomodavam em uma confortável sala de jantar e, com prontidão, lhe tiravam o sobretudo que tanta honradez lhe emprestava.

— O cavalheiro gostaria de cear? — disseram-lhe. — Em breve será realizado o serviço, está saindo do forno!

Sem esperar resposta, o hospedeiro correu à cozinha, berrando:

— Por todos os diabos! Agora só temos carne de boi e pernil de cordeiro! Eu não posso servir a torta de perdizes porque eu a havia reservado e prometido para os clientes regulares. É sempre assim! No único dia em que não esperamos hóspede algum, e não temos nada aqui, chega um cavalheiro desses! E o cocheiro leva um emblema nos botões e o coche é como o de um duque! E o jovem mal abre a boca, tão elegante ele é!

A calma cozinheira disse:

— Ora, por que se lamentar, patrão? Arrisque levar a torta, ele não há de comê-la toda! Aí, a gente serve em

pedaços para os clientes regulares; só precisamos garantir seis porções!

— Seis porções? A senhora está se esquecendo de que os cavalheiros estão habituados a comer até se fartar! — disse o hospedeiro.

Mas a cozinheira continuou sem se abalar:

— Que comam! Mande buscar agora mesmo meia dúzia de costelinhas, já que a gente precisa delas também para o estrangeiro; aí eu corto em pedacinhos o que ele deixar de sobra e misturo tudo embaixo da torta, é só o senhor deixar!

Contudo, o digno hospedeiro respondeu seriamente:

— Cozinheira, eu já lhe disse mais de uma vez que esse tipo de coisa não é tolerado nesta cidade nem nesta casa! Aqui nós vivemos de modo respeitável e honroso, e estamos à altura disso!

— Ah, meu Deus — exclamou a cozinheira por fim, um tanto agitada —, quando não se pode ajudar, melhor desistir! Aqui estão duas galinholas que eu acabei de comprar do caçador; a gente pode servir elas depois da torta! Os comilões não vão reclamar de uma torta de perdizes falseada com galinhola! Para mais tarde, temos também as trutas; eu já joguei as maiores na água quente assim que o carro estranho chegou, e estou também preparando o caldo nas panelas menores, então tem um peixe, a carne de boi, legumes com

costelinhas, o assado de cordeiro e a torta. Agora o senhor me dê as chaves para eu pegar a conserva e a sobremesa! E o senhor pode me entregar as chaves com toda a confiança, patrão, pra eu não precisar ficar seguindo e incomodando o senhor em todo canto!

— Cara cozinheira! Por favor não leve a mal, mas eu tive de prometer à minha venerável esposa em seu leito de morte que sempre manteria as chaves comigo; portanto, faço isso por princípio e não por desconfiança. Aqui estão os picles e aqui as cerejas, aqui as peras e aqui as ameixas; mas nem toque nos confeitos velhos. Mande Lise correndo até o confeitiro trazer doces frescos, de três tipos; e se ele tiver uma boa torta, que ela a traga também!

— Mas, patrão! O senhor não pode servir tudo isso a um único hóspede; mesmo que seja de boa vontade, não vale a pena!

— Não há de ser nada; eu o faço pela honra! Não vou morrer por conta disso. Isto é para que um grande cavalheiro possa dizer que quando passou em viagem por nossa cidade encontrou uma refeição decente, mesmo tendo chegado no meio do inverno e de modo totalmente inesperado! Não nos compararão com os hospedeiros de Seldvila, que comem tudo o que há de bom e servem os ossos aos estrangeiros! Então, vamos lá, animem-se e apressem-se!

Enquanto tinham lugar esses elaborados preparativos, o alfaiate se via tomado de um embaraçoso medo, pois a mesa havia sido posta e a louça reluzia à sua frente. Esse homem faminto havia ansiado intensamente, há pouco, por algum alimento. Amedrontado, agora desejava fugir daquela refeição ameaçadora. Por fim, reuniu alguma coragem, vestiu seu sobretudo, pôs seu gorro e se levantou em busca da saída. Mas como estava confuso e a casa era muito grande, não encontrou imediatamente as escadas; por isso o garçom, um tipo endiabrado, achou que ele quisesse se aliviar e disse:

— Permita-me, por favor, cavalheiro, que eu lhe indique o caminho! — e o conduziu por um longo corredor, que terminava diante de uma bela porta envernizada, sobre a qual havia um elegante letreiro.

Assim, dócil como um cordeirinho, o dono do sobretudo entrou no local indicado sem opor resistência e fechou respeitosamente a porta atrás de si. Dentro, ele se recostou à parede suspirando amargamente e desejou retornar à liberdade dourada da estrada, a qual lhe parecia agora, apesar do péssimo tempo que fazia, a maior das felicidades.

Nesse momento, porém, ele se emaranhou em sua primeira mentira involuntária, pois se demorou um tanto

nesse espaço fechado e, desse modo, trilhou o íngreme caminho do mal.

No meio tempo, o hospedeiro, que o tinha visto caminhar naquela direção vestindo o sobretudo, gritou:

— O cavalheiro está com frio! Aqueçam mais a sala de jantar! Onde está Lise, onde está Anne? Ponham rápido um fardo de lenha na lareira e alguns punhados de lascas de madeira para que o fogo pegue! Com mil diabos, as pessoas agora precisam vestir seus sobretudos à mesa nesta hospedaria?

O alfaiate ressurgiu do longo corredor melancólico, como se fosse o único herdeiro de um castelo. O hospedeiro, então, o acompanhou de volta à maldita sala com um sem-número de cumprimentos e massagens. Ali lhe foi pedido que fosse à mesa sem delongas. Arrumaram-lhe a cadeira e, uma vez que a sopa encorpada, cheirosa como poucas, roubasse-lhe totalmente a força de vontade, sentou-se — em nome de Deus pai — e imediatamente mergulhou a pesada colher no caldo dourado. Em um profundo silêncio, ele reanimou suas abatidas forças vitais e foi servido com respeitoso silêncio e calma.

Tendo ele esvaziado o prato, o hospedeiro notou sua satisfação e o incentivou cortesmente a comer mais uma colherada, pois isso lhe cairia bem naquele tempo ruim. Então lhe foi trazida a truta, acompanhada de verduras,

e o hospedeiro lhe serviu um belo pedaço. No entanto, o alfaiate, torturado por escrúpulos, não ousou, em seu acanhamento, usar uma faca tão limpa; em vez disso, meteu-se a usar, de forma tímida e melindrada, o garfo de prata. A cozinheira, que entreolhava por detrás da porta para ver aquele grande cavalheiro, percebeu aquilo e disse para as pessoas à sua volta:

— Louvado seja Jesus Cristo! Esse ainda sabe comer um peixe delicado como se deve; ele não sai serrando com a faca a carne macia, como se quisesse lutar com um novilho. Aí está o cavalheiro de uma casa nobre, eu poderia até jurar, se não fosse proibido! E como ele é bonito e triste! Certamente está apaixonado por uma moça pobre, com quem não pode se casar! Pois é, os aristocratas também sofrem!

Nesse meio tempo, o hospedeiro viu que o hóspede não estava bebendo nada e lhe disse, cheio de reverências:

— Ao cavalheiro não apetece o vinho da casa? Gostaria de ordenar, talvez, uma taça de um bom Bordeaux, o melhor que posso oferecer?

Então o alfaiate cometeu o seu segundo erro involuntário, ao dizer, por pura obediência, sim em vez de não; logo em seguida o dono da hospedaria se dispôs a ir pessoalmente à adega buscar uma garrafa de um vinho refinado; pois para ele era sumamente importante que se

dissesse que naquele lugar tudo estava em perfeita ordem. Como o hóspede, por peso na consciência, bebesse do vinho que lhe fora servido apenas em goles muito pequenos, o hospedeiro correu cheio de alegria à cozinha e, estalando a língua, dizia:

— Que o diabo me leve! Esse é entendido, degusta meu bom vinho em sua língua como quem deposita um ducado em uma balança de ouro!

— Louvado seja Jesus Cristo! — dizia a cozinheira. — Eu bem que disse que ele era um entendido!

Desse modo, a refeição seguiu seu curso, aliás, muito lentamente, pois o pobre alfaiate comia e bebia sempre melindrado e hesitante. O hospedeiro, para lhe dar espaço, deixava os pratos à mesa por bastante tempo. Apesar disso, o que o hóspede havia consumido até agora era insignificante; mas a fome, incitada de forma perigosa e progressiva, começou a superar o susto. Exatamente no momento em que surgiu a torta de perdizes o humor do alfaiate se alterou e um pensamento fixo começou a se formar nele. “Isso só acontece uma vez na vida”, disse a si mesmo, aquecido e animado por uma nova gotinha de vinho. “Eu seria um tolo se aceitasse a vergonha e a perseguição que estão por vir sem ter aproveitado ao máximo disso! Então que assim seja, enquanto é tempo! A torrezinha que eles me serviram

aqui provavelmente é o último prato; não vou deixá-lo passar, seja o que for! O que eu tiver no estômago nem um rei poderá me tomar!”.

Dito e feito. Com a coragem que vem do desespero, atacou a deliciosa torta sem parar para pensar. Em menos de cinco minutos ela diminuiu pela metade e as coisas começaram a ficar preocupantes para os clientes regulares. Carne, trufas, canederlis; ele devorava tudo de cabo a rabo, sem se preocupar com nada além de encher o bucho, antes que o castigo lhe caísse sobre a cabeça. Ainda bebeu o vinho em largos goles e enfiou grandes bocados de pão na boca. Em suma, foi um influxo violento, como quando, na iminência de uma tempestade, corre-se com a forquilha para abrigar o feno do prado no celeiro. Uma vez mais o hospedeiro correu para a cozinha e gritou:

— Cozinheira! Ele está devorando a torta e mal o tocou no assado! O Bordeaux ele o está bebendo às goladas!

— Pois faz muito bem — disse a cozinheira. — Deixe que coma, ele sabe o que são perdizes! Só se fosse um rapaz ordinário para preferir o assado!

— Também penso assim — disse o hospedeiro. — Para dizer a verdade, a cena não parece muito elegante; mas em minhas viagens de estudante eu só via generais e cônegos comerem assim!

Nesse intervalo, o cocheiro havia deixado os cavalos se alimentarem e ele próprio havia feito uma refeição substancial no cômodo reservado aos serviçais. Como tinha pressa, logo voltou a atrelar os animais. Mas os empregados da hospedaria A Balança não podiam mais se conter e, antes que fosse tarde demais, perguntaram diretamente ao cocheiro quem era aquele seu senhor no andar de cima, e como ele se chamava. O cocheiro, um sujeito brincalhão e astuto, replicou:

— Ele ainda não disse?

— Não — afirmaram, e ele então respondeu:

— Acredito. É que ele não é de falar muito. Bem, ele é o conde Strapinski! Hoje ele permanecerá aqui e talvez mais alguns dias, pois me ordenou que seguisse viagem com seu coche.

Ele fez essa maldade para se vingar do alfaiatezinho, pois acreditou que, em vez de se despedir, agradecendo por sua solicitude, ele havia entrado na casa sem olhar para trás, fingindo ser um cavalheiro. Para levar essa pilhéria até o extremo, montou no coche sem pedir a conta para si ou para os cavalos, vergou o chicote e saiu da cidade, e tudo se arranhou dessa maneira, ficando o ônus todo nas costas do bom alfaiate.

Agora seria preciso acrescentar que este último, um silesiano¹ de nascença, realmente se chamava Strapinski, Wenzel Strapinski. Isso poderia ser um acaso ou poderia ser que o alfaiate tivesse sacado seu diário de viagem quando estava no coche e lá o esquecido, e o cocheiro o tomado para si. E basta. Nesse momento, o hospedeiro parou diante dele resplandecendo alegria e, esfregando as mãos, perguntou se o senhor conde Strapinski aceitaria, como sobremesa, uma taça de Trokaji húngaro ou de champanhe. Ato contínuo, informou que os quartos seriam imediatamente preparados, o que fez empalidecer e mais uma vez embaraçar-se o pobre Strapinski, que nada respondeu.

— Muitíssimo interessante! — murmurou consigo o hospedeiro enquanto mais uma vez corria à adega; estando lá, tirou de um compartimento especial uma garrafinha de Trokaji, um frasquinho de vinho Bocksbeutel, e por fim uma garrafa de champanhe, a qual colocou debaixo do braço.

1 Referência à região histórica da Silésia, que nunca chegou a ser uma unidade política. Originalmente uma província polonesa, tornou-se posse da coroa da Boêmia em 1335. Depois, quando essa coroa passou para os Habsburgos austríacos, em 1526, a região também foi incorporada. Em 1742, a Silésia foi tomada pela Prússia. Somente em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi concedida à Polônia pela União Soviética em compensação pelas terras no leste da Polônia incorporadas à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Logo Strapinski viu diante de si uma pequena floresta de copos, entre os quais se destacava, como um álamo, a taça de champanhe. Aquilo tinha brilho, som e cheiro totalmente estranhos a ele; e o que era mais estranho: o pobre, mas garboso homem, embrenhou-se de modo bastante hábil em meio à pequena floresta, e se serviu de algumas gotas de Trokaji ao ver que o hospedeiro vertia vinho tinto em sua própria taça de champanhe. No meio tempo, o amanuense e o notário chegaram para o café e para seus joguinhos diários; em seguida, chegaram o herdeiro mais velho da Casa Hälberlin & Co., o mais jovem da Casa Pütschli-Nievergelt, e o contador de uma grande tecelagem, o senhor Melcher Böhni; só que, em vez de jogarem sua partida, todos esses cavalheiros formaram um amplo círculo às costas do conde polonês, com as mãos nos bolsos de seus casacos, piscando os olhos e rindo às escondidas. Com efeito, eles estavam entre os membros das boas casas que passaram toda a vida sem sair de suas cidades, mas cujos parentes e amigos conhecem o mundo, de modo que eles próprios julgavam conhecer à exaustão o mundo todo.

Então um conde polonês seria assim? É claro que eles haviam visto o coche de seus escritórios; mas não sabiam se era o hospedeiro que recebia o conde ou se o contrário. Contudo, até agora o hospedeiro ainda não havia feito nenhuma brincadeira boba; ao contrário, ele era conhecido como um

homem astuto, e assim o círculo que os curiosos cavalheiros formavam em torno do estrangeiro ia se tornando cada vez menor, até que finalmente eles se sentiram confiantes para sentarem à sua mesa e, de modo habilidoso, convidarem-se, sem peias, para o banquete, imediatamente passando a apostar para saber quem pagaria a próxima garrafa.

No entanto, não beberam muito, uma vez que ainda era cedo; em contraste, foi o caso de beber um gole de um bom café e oferecer ao polaco — como já chamavam o alfaiate entre si — um bom tabaco para que ele percebesse cada vez mais em que tipo de cidade estava.

— Posso oferecer um bom charuto ao senhor conde? Eu o recebi de meu irmão diretamente de Cuba! — disse um deles.

— Os cavalheiros poloneses também adoram um bom cigarro. Este aqui é o mais autêntico tabaco de Esmirna. Foi meu sócio quem o enviou a mim — disse outro, enquanto exibia uma bolsinha de seda vermelha.

— Este aqui, de Damasco, é mais delicado, senhor conde — disse o terceiro. — Nosso representante local, ele próprio, ocupou-se de trazê-lo para mim!

O quarto ofertou um charutão um tanto informe enquanto gritava:

— Caso o senhor queira algo verdadeiramente excepcional, prove este charuto das fazendas da Virgínia,

cultivados e produzidos lá mesmo, e que não estão à venda em lugar nenhum!

Strapinski riu um tanto sem graça, não disse nada e rapidamente estava envolvido por uma nuvem de fumaça, que recebia tons docemente prateados do sol que penetrava o ambiente. O céu se desanuviou em menos de um quarto de hora, e fez-se uma linda tarde de outono; alguém lembrou que o prazer dessas horas benfazejas deveria ser aproveitado, já que o ano talvez não fosse trazer mais muitos dias como aquele. Decidiu-se então fazer uma excursão externa em visita à propriedade do próspero conselheiro da cidade e lá provar seu vinho jovem, um fermentado tinto, de uvas prensadas há poucos dias. Pütschli-Nievergelt, o filho, mandou buscar sua carroça de caça. Logo, seus belos cavalos brancos pisavam no assoalho diante d'A Balança. O próprio hospedeiro mandou que fossem atrelados, e em seguida o conde foi cerimoniosamente convidado a tomar parte da expedição e a conhecer um pouco das redondezas.

O vinho aquecera seu engenho; ele ponderou rapidamente que essa seria a melhor situação para se afastar sem ser notado e prosseguir sua caminhada. As contas seriam pagas por aqueles cavalheiros tolos e insistentes. Desse modo, aceitou o convite com algumas palavras corteses e subiu à carroça do jovem Pütschli.

Foi mais um feliz acaso o fato de que o alfaiate, depois de ter prestado serviços eventuais ao senhor de terras de seu povoado quando ainda jovem, houvesse servido seu período militar na cavalaria húngara e, por conseguinte, soubesse lidar bastante bem com cavalos. Após seu acompanhante cortesmente perguntar se gostaria de conduzir, o alfaiate assumiu imediatamente as rédeas e o chicote, e seguiu com postura perfeita e em trote acelerado através do portão e estrada afora, de modo que os cavalheiros olhavam uns para os outros e sussurravam:

— Certamente estamos diante de um cavalheiro!

Tendo, em meia hora, chegado à propriedade do conselheiro, Strapinski conduziu o carro em um majestoso semicírculo, fazendo os fogosos cavalos pararem belamente. Todos pularam do coche, o conselheiro se aproximou para conduzir os convidados para sua casa e imediatamente a mesa foi servida com meia dúzia de jarras cheias do mosto com cor de cornalina. A bebida quente e fermentada foi inicialmente provada e elogiada, em seguida, foi atacada alegremente, enquanto o dono da casa informava a seus empregados de que ali se encontrava um nobre conde, um polaco, e que preparassem uma recepção graciosa.

Nesse ínterim, os convidados se dividiram em dois grupos para continuar o jogo que havia sido interrompido,

já que naquela terra não era possível que homens se reunissem e não jogassem, provavelmente por conta de um inato instinto para a ação. Strapinski, que alegou diversas razões para se abster do jogo, foi convidado a assistir, pois a todos parecia que ao menos esse esforço era válido, uma vez que julgavam manifestar muita sagacidade e presença de espírito nas cartas. Ele teve de se sentar entre as duas partidas, e passou-se então a jogar com sutileza e habilidade, ao mesmo tempo em que o convidado era entretido. Assim, ele se instalou ali como um príncipe enfermiço, para o qual a corte encena uma peça amena sobre as coisas do mundo. Eles lhe explicavam as inversões, as surpresas e as situações mais importantes. Quando um dos grupos precisava dedicar mais atenção ao jogo por um momento, o outro assumia de modo ainda mais entusiasmado os cuidados com o alfaiate. Eles julgavam que os melhores temas, para esse propósito, eram cavalos, caça e coisas do gênero; também acerca desses assuntos Strapinski estava muito bem informado, pois bastava que chamasse à memória expressões que certa vez ouvira quando esteve na proximidade de oficiais e senhores de terra e que, já na ocasião, agradaram-lhe muito. Quando ele usava tais expressões, ainda que apenas parcimoniosamente, com certa modéstia e sempre com um sorriso melancólico, causava grande efeito; quando dois ou três desses cavalheiros

se levantavam e, a alguma distância, se encontravam, eles diziam: “É um perfeito aristocrata!”.

Apenas Melcher Böhni, o contador, como um cético nato, esfregava satisfeito as mãos e dizia para si mesmo: “Sinto que vem aí mais um golpe em Goldach, aliás, ele quase que já está aqui! Já não era sem tempo, pois o último já tem dois anos! Esse homem aí me parece que tem os dedos estranhamente marcados, talvez tenha vindo de Praga ou Ostroleka!² Pois bem, não vou atrapalhar o rumo das coisas!”.

As duas partidas chegavam ao fim e também a sede dos cavalheiros pelo mosto; então decidiram se refrescar com o vinho mais antigo do conselheiro, que em seguida foi trazido. Esse refrescar-se, contudo, foi de natureza um pouco mais intensa, pois imediatamente, para que não caíssem em uma ociosidade lamentável, foi proposto que todos participassem de um jogo de azar. As cartas foram embaralhadas, cada um

2 Referências a rebeliões polonesas contra o Império Russo. A primeira, conhecida como Revolta de Kościuszko, ocorreu em 1794, e teve como evento decisivo a batalha ocorrida em Praga, um distrito de Varsóvia. A segunda remete ao Levante de Novembro, também conhecido como Guerra Polaco-Russa de 1830–31; a Batalha de Ostroleka, ocorrida em 26 de maio de 1831, é um dos eventos mais significativos do período. Esta última data ajuda na tentativa de situar a época em que se passa a presente história. Se é a ela que Böhni se refere ao dizer que “o último já tem dois anos”, estamos, portanto, em 1833.

deles lançou ao centro da mesa uma moeda belga, e quando chegou a vez de Strapinski ele, naturalmente, não pôde colocar seu dedal sobre a mesa.

— Eu não tenho esse tipo de dinheiro — disse corando.

Mas Melcher Böhni, que o observava, logo cobriu sua aposta, sem que ninguém desse atenção a isso, pois todos eram demasiado remediados para que pudessem ter a mínima desconfiança de que houvesse alguém no mundo que não tivesse dinheiro. No momento seguinte, o alfaiate, tendo ganhado a rodada, recebeu toda a soma; confuso, deixou o dinheiro intocado e Böhni assumiu sua aposta também no segundo jogo, que um outro ganhou, assim como no terceiro. Mas o quarto e o quinto foram outra vez ganhos pelo polaco, que gradualmente despertava e entrava no jogo. À medida que se portava com calma e silêncio, sua sorte oscilava; em certo momento ele se viu reduzido a uma só moeda, que precisou apostar, ganhar de novo e, ao fim, quando todos se cansaram do jogo, ele recebeu alguns luíses de ouro, mais do que jamais possuiu em toda sua vida. Tendo visto que todos guardavam seu dinheiro, ele fez o mesmo, não sem o temor de que tudo aquilo fosse um sonho. Böhni, que o observava de modo cada vez mais aguçado, tinha alcançado clareza a seu respeito e pensava: “Esse aí conduz o diabo em uma carruagem de quatro cavalos!”.

Como, porém, houvesse ao mesmo tempo notado que o misterioso estrangeiro não mostrava nenhum afã por dinheiro, portando-se de modo modesto e contido, não se indis pôs com ele, mas decidiu deixar que as coisas transcorressem naturalmente.

Mas assim que os outros se dirigiram para fora, antes do jantar, o conde Strapinski juntou seus pensamentos e julgou que havia chegado o momento certo para uma saída à francesa. Ele tinha agora uma boa soma para seguir viagem e pretendia pagar o almoço que lhe havia sido imposto na hospedaria A Balança quando estivesse na próxima cidade. Assim, ele vestiu aiosamente seu sobretudo, afundou seu gorro felpudo até a altura dos olhos e caminhou lentamente sob o sol da tarde, seguindo uma fileira de acácias e contemplando a bela paisagem, ou melhor, investigando por qual caminho haveria de seguir. Com o semblante fechado, seu belo mas melancólico bigode, seus cabelos negros e brilhantes, seus olhos escuros e a ondulação das franjas de seu sobretudo, sua aparência era magnífica; a luz da tarde e o sussurro das árvores acima dele amplificavam essa impressão, de modo que o grupo o admirava à distância com atenção e gosto. Passo a passo, ele foi se distanciando cada vez mais da casa e entrou em um matagal que ia dar na trilha de um campo; assim que se viu protegido dos olhares do

grupo, quis penetrar no campo com passos mais decididos, quando, ao dobrar uma esquina, subitamente deparou com o conselheiro e sua filha, Nettchen. Era uma bela senhorita, extremamente graciosa, elegantemente vestida e ricamente adornada por joias.

— Procurávamos por você, senhor conde! — exclamou o conselheiro —, para que eu, primeiramente, lhe apresentasse esta minha criança e, em segundo lugar, para lhe pedir que o senhor nos conceda a honra de jantar conosco; os outros cavalheiros já nos esperam na casa.

O andarilho rapidamente descobriu sua cabeça e se curvou reverente, aliás, um tanto temeroso, inteiramente corado. Pois uma nova guinada tinha lugar, uma senhorita pisava o palco dos acontecimentos. Contudo, aquele seu acanhamento e aquela reverência excessiva não fizeram má figura diante da dama; ao contrário, a timidez, modéstia e reverência de um jovem aristocrata tão nobre e interessante lhe pareceram genuinamente comoventes, e mais, encantadoras. “Aqui se vê”, ela pensou, “que, quanto mais nobre, mais desprezioso e bem-educado; aprendam, cavalheiros selvagens de Goldach, pois diante de uma jovem donzela vocês mal tocam seus chapéus!”.

Em consonância, ela saudou o cavaleiro do modo mais doce, também ela corando meigamente; então, falou-lhe muitas coisas, de um jeito apressado e rápido, como é o modo

das moças simpáticas de cidades pequenas quando querem se exibir aos estrangeiros. Strapinski, por sua vez, transformou-se rapidamente; até então, ele nada havia feito para assumir o mínimo papel que o comprometesse; mas agora, de modo involuntário e um tanto afetado, começou a falar e a misturar todo tipo de coisas polonesas no seu discurso. Em suma, na presença da moça, os instintos do alfaiate começaram a dar seus pulos, como cavalos conduzindo o cavaleiro.

À mesa, foi-lhe dado o lugar de honra ao lado da filha do anfitrião, pois a mãe era falecida. A bem da verdade, ele logo voltou ao seu estado melancólico, uma vez que ponderava que agora precisaria retornar com os outros à cidade ou se desprender deles à força no meio da noite, e que, além disso, era assaz passageira a felicidade da qual agora gozava. Mas, apesar disso, sentia uma enorme felicidade e, de antemão, dizia a si mesmo: “Ah, ao menos uma vez na vida você terá visto alguma coisa, ao menos uma vez você terá se sentado ao lado de um ser tão elevado!”.

Realmente, não era de pouca monta ver brilhar ao seu lado uma mão em que tilintavam três ou quatro braceletes, e, a cada elusivo olhar de relance, ver toda vez aquele penteado incomum e atraente, aquele meigo rubor, sempre uma piscadela de olhos. Com efeito, ele poderia fazer o que quisesse, tudo seria interpretado como extraordinário e

nobre, e mesmo sua falta de jeito seria carinhosamente vista como um estranho desprendimento por aquela jovem dama, que, em outros casos, poderia passar horas comentando os deslizes que se cometem em sociedade. Como todos estavam animados, dois dos convivas cantaram canções que estiveram na moda nos anos trinta. Pediram que o conde cantasse uma canção polonesa. O vinho tinha finalmente vencido sua timidez, embora não sua precaução; certa vez ele havia trabalhado por algumas semanas na Polônia e por isso sabia algumas palavras polonesas, e até mesmo sabia de cor uma cançãozinha popular, mas sem entender nada de seu conteúdo, como um papagaio. Assim, de voz leve e trêmula, por cautela não muito alto, como se expressasse um lamento contido, ele, com nobre figura, cantou em polonês:

— *Muitos mil porcos se apertam*

Do rio Desna até o Vístula,

E a Kathinka, essa má,

Vai com pés sujos de lama!

Muitos mil touros mugindo

Nos verdes pastos volínios,

E a Kathinka, ah, Kathinka,

Crê, pobrezinha, que a amo!

— Bravo! Bravo! — exclamavam e aplaudiam todos os cavalheiros, e, comovida, Nettchen disse:

— Ah, o que é nacional é sempre tão bonito! — Por sorte, ninguém pediu a tradução da canção.

Tendo atingido esse ápice em sua diversão, o grupo se desfez; o alfaiate foi preparado para partir e cuidadosamente levado de volta para Goldach; antes disso, ele teve de prometer que não viajaria sem se despedir. Na hospedaria A Balança, ainda se tomou ponche; contudo, Strapinski estava esgotado e pediu para se recolher. O hospedeiro, ele próprio, conduziu-o até seu quarto, cuja suntuosidade ele agora mal notava, embora fosse o seu costume dormir apenas em dormitórios de albergues miseráveis. Ele se viu em pé no meio do belo tapete absolutamente sem qualquer posse, quando o hospedeiro súbito percebeu a ausência da bagagem e bateu na própria testa. Então correu rapidamente para fora, tocou a sineta, chamou aos gritos garçons e servos, trocou com eles algumas palavras, voltou e asseverou:

— É verdade, senhor conde, esqueceram de descarregar sua bagagem! Nem as coisas mais básicas estão aqui!

— Até o pacotinho que estava no coche? — perguntou, temeroso, Strapinski, pois se referia a um fardozinho de um palmo que havia deixado sobre seu assento, e que continha

um lenço, uma escova, um pente, um frasquinho de pomada e um bastão de cera de barba.

— Nem isso, não há nada aqui — disse, chocado, o bom hospedeiro, pois ele supunha que havia ali algo muito importante. — Precisamos enviar imediatamente um mensageiro para o cocheiro — exclamou, demonstrando seu zelo. — Eu próprio cuidarei disso!

No entanto, o senhor conde, tão chocado quanto ele, segurou-o pelo braço e disse, comovido:

— Pare, não faça isso! Preciso apagar meus rastros por algum tempo — acrescentou, ele próprio embaraçado por contar essa história.

O hospedeiro se encaminhou, pasmo, para os hóspedes que ainda bebiam ponche, contou-lhes o caso e concluiu com a sentença de que o conde devia indubitavelmente ser vítima de perseguição política ou familiar; pois, por volta dessa época, muitos poloneses e outros refugiados estavam sendo expulsos por operações militares violentas naquele país; outros eram observados e capturados por agentes estrangeiros.

Strapinski, contudo, dormiu um bom sono. Quando acordou, mais tarde, viu primeiro suntuosos pijamas de domingo da hospedaria pendurados sobre uma cadeira, depois uma mesinha recoberta com todo tipo de material para sua

toalete. Além disso, esperavam por ele uma porção de servos que lhe traziam cestos e malas repletos de delicadas roupas íntimas e outras roupas, de charutos, de livros, de botas, de sapatos, de esporas, de chicotes de cavalgada, de peles, de gorros, de chapéus, de meias, de meiões, de cachimbos, de flautas e violinos, da parte de seus amigos de ontem, com o premente pedido de que ele se servisse desses confortos provisoriamente. Como invariavelmente passavam as manhãs em seus negócios, eles anunciavam suas visitas para depois da refeição.

Essas pessoas não eram em nada ridículas ou simplórias, mas homens de negócios prudentes, mais astutos que limitados; ocorre que, como sua bem cuidada cidade era pequena, e como por vezes eram acometidos pelo tédio, estavam sempre desejosos de alguma mudança, acontecimento ou evento ao qual pudessem se dedicar sem reservas. A carruagem de quatro cavalos, o desembarque de um estrangeiro, seu almoço, o depoimento do cocheiro eram coisas tão simples e naturais, que os goldachianos, que não eram dados a desconfianças inúteis, construíram sobre elas um acontecimento, como que sobre uma rocha.

Quando Strapinski viu o conjunto de mercadorias que se estendia diante dele, sua primeira reação foi pôr a mão no bolso para ver se estava desperto ou sonhando. Caso seu

dedal ainda estivesse ali, solitário, então estaria sonhando. Mas não, o dedal se acomodava confortavelmente entre o dinheiro do jogo que ele havia ganhado e se esfregava amigavelmente contra as moedas; então também o seu dono passou a aceitar a coisa toda e desceu de seu quarto até a rua para ver a cidade que lhe tratava tão bem. Sob a porta da cozinha estava a cozinheira, que se abaixava muito, em seu gesto de cortesia, e que o olhava com renovada satisfação; no hall e junto à porta de entrada da casa havia outros serviçais, todos de boné na mão. Strapinski caminhou para fora com elegância e um tanto de modéstia, levando dignamente consigo seu sobretudo. O acaso o tornava maior a cada minuto.

Ele examinou a cidade com um olhar completamente diferente do que teria caso estivesse em busca de um trabalho ali. A cidade consistia em larga medida de belas e sólidas casas, todas ornadas com emblemas esculpidos ou pintados, e cada uma com um nome à frente. Nessas denominações era possível reconhecer claramente os costumes de séculos. A Idade Média se refletia tanto nas casas mais antigas quanto nas recentemente construídas, as quais, apesar de tomar o lugar daquelas, mantinham o antigo nome, dos tempos dos contos de fadas e dos antigos alcaides municipais. Elas se chamavam A Espada, O Elmo de Ferro, A Armadura, O Arco, O Escudo Azul, A Adaga Suíça, O Cavaleiro, O Rifle, O Turco,

O Milagre do Mar, O Dragão Dourado, A Tília, A Bengala do Peregrino, A Sereia, A Ave-do-paraíso, A Romãzeira, A Guilda do Camelo, O Unicórnio etc. A época do Iluminismo e do amor à humanidade podia ser claramente identificada nos conceitos morais que brilhavam em belos letreiros dourados sobre as portas das casas, como: O Consenso, A Honestidade, A Antiga Independência, A Nova Independência, A Virtude Burguesa *a*, A Virtude Burguesa *b*, A Confiança, O Amor, A Esperança, O Adeus 1 e 2, A Alegria, A Retidão Interna, A Retidão Externa, O Bem da Terra (uma casinha muito organizada, na qual uma simpática senhora de capuz estava sentada enrolando lã atrás de uma gaiola de canários cheia de agrião), A Constituição (em que um artesão de barris muito zelosamente e com muito barulho pregava aros em baldes e pequenos potes, martelando incessantemente); uma casa com um nome terrível: A Morte!, em que um esqueleto borrado se estendia do chão ao teto entre as janelas; aqui vivia o juiz de paz. Na casa chamada A Paciência vivia o coletor de débitos, uma figura de dar pena, à beira da fome, pois na cidade ninguém devia nada a ninguém.

Finalmente, as casas mais novas anunciavam a poesia dos manufactureiros, banqueiros e transportadores e seus imitadores, todos com seus nomes altissonantes: Vale das Rosas, Vale da Manhã, Morro do Sol, Burgo das Violetas,

Jardins da Juventude, Morro da Felicidade, Vale de Henrieta, A Camélia, Burgo de Guilhermina etc. Os entendidos logo viam que os vales e burgos com nomes de mulheres sempre indicavam um belo dote.

Em cada esquina havia uma torre antiga com um opulento relógio, um telhado colorido e uma graciosa veleta dourada. Essas torres eram cuidadosamente preservadas; pois os goldachianos se alegravam de seu passado e seu presente, e com razão. Todo esse esplendor era emoldurado pelo antigo muro da cidade que, embora não tivesse mais utilidade, era conservado como uma joia; todo recoberto por hera espessa e antiga, deixava a pequena cidade sempre cingida por uma coroa permanentemente verde.

Tudo isso causava uma maravilhosa impressão em Strapinski; julgava estar em outro mundo. À medida que lia aquelas inscrições, tais como ele ainda não havia visto, pensava que elas se relacionavam a segredos e modos de vida muito particulares de cada casa. Parecia que, por trás de cada portão, as coisas eram como a epígrafe dizia ser, de modo que ele teria entrado em uma espécie de utopia moral. Assim, ele se inclinava a acreditar que a incrível recepção que lhe havia sido concedida estava associada a isso, de modo que, por exemplo, o emblema da hospedaria A Balança, que ele habitava, significava que ali um destino desproporcionado

era pesado e equilibrado, transformando, por vezes, um alfaiate andarilho em um conde.

Ele seguiu seu passeio também diante do portão. Quando olhou para o campo aberto, ocorreu-lhe pela última vez o consciencioso pensamento de retomar imediatamente seu caminho. O sol brilhava, a estrada era bela, estável, nem muito seca nem úmida, como se feita para a caminhada. Dinheiro para a viagem, agora, ele tinha, a ponto de poder se hospedar confortavelmente onde quer que lhe aproovesse, sem qualquer impedimento à vista.

Ele se viu então na mesma situação do jovem no entroncamento:³ em uma verdadeira encruzilhada. De dentro da guirlanda de tílias que contornava a cidade subiam acolhedoras colunas de fumaça. Adornos esféricos, todos dourados, cintilavam lindamente acima dos topos das árvores: felicidade, prazer, mas também uma dívida e um destino misterioso acenavam. Para os lados do campo, contudo, brilhava o amplo e livre horizonte: trabalho, privação, pobreza, obscuridade aguardavam, mas também uma consciência tranquila e uma vida calma. Sentindo essas coisas, fez menção de se voltar decididamente na direção do campo. Mas no mesmo

3 O filósofo Cícero, em *De officiis* (I, 32), conta que Hércules, em sua juventude, teria se dirigido a um deserto e ali encontrado um entroncamento cujos caminhos levavam ao prazer ou à virtude.

instante se aproximou uma rápida charrete; era a senhorita de ontem, que, com um véu azul ondulante e totalmente sozinha, conduzia uma elegante e leve carruagem, regia um belo cavalo e se dirigia à cidade. Assim que Strapinski, tomado de surpresa, tirou seu gorro e o segurou humildemente contra o peito, a moça se curvou em sua direção, corando imediatamente, mas demonstrando total simpatia, e partiu a grande velocidade, com o cavalo a galope.

Strapinski, porém, fez involuntariamente a meia-volta e retomou, consolado, o caminho da cidade. Ainda no mesmo dia, ele galopou sobre o melhor cavalo do local, na dianteira de todo um grupo de cavaleiros, pela alameda que contornava a muralha verde da cidade, enquanto as folhas caídas das tílias dançavam como uma chuva dourada em torno de sua cabeça transfigurada.

Agora havia recuperado completamente seu ânimo. A cada dia, ele se transformava, como um arco-íris que se torna visivelmente mais colorido quando o sol irrompe. Ele aprendeu em horas, em instantes, o que outros não aprendem em anos, uma vez que essas coisas se infundiam nele como as cores se infundem em gotas de chuva. Ele examinava atentamente os modos de seus colegas e, enquanto observava, os transformava em algo novo e exótico; em especial, buscava auscultar o que realmente pensavam a seu respeito e que

tipo de imagem faziam dele. Trabalhava sobre essa imagem segundo seu próprio gosto, para o prazeroso divertimento daqueles que queriam ver algo novo, e para a admiração de outros, especialmente das mulheres, que ansiavam por estímulos elevados. Desse modo, ele rapidamente se tornou o herói de um galante romance, no qual amavelmente trabalhava em conjunto com toda a cidade, e cuja parte principal se mantinha sempre um segredo.

Em meio a isso tudo, Strapinski vivenciava algo que, em sua antiga obscuridade, nunca havia conhecido: uma noite sem sono atrás da outra; e não é sem censura que se deve mencionar que não era apenas sua consciência honesta que lhe roubava o sono, mas também o medo da vergonha que sentiria ao ser descoberto e exposto como um pobre alfaiate. Sua necessidade inata de demonstrar algo gracioso e extraordinário, ainda que apenas no âmbito da escolha de suas roupas, foi o que o colocou nesse conflito e o que produzia agora aquele temor; mas o poder de sua consciência sobre ele tinha limites; a única coisa que ela alimentava era seu intuito de inventar um pretexto para viajar em uma ocasião propícia e então ganhar algum dinheiro, por meio da loteria ou coisa do gênero,

para recompensar os tão hospitaleiros goldachianos por tudo o que ele lhes havia causado, o que ele faria somente quando estivesse em um lugar distante e desconhecido. Ele inclusive encomendava bilhetes de diferentes valores em todas as cidades em que havia loterias ou agentes lotéricos; e essa correspondência, e o volumoso recebimento de cartas que resultava daí, passou a ser interpretado como indício de importantes relações e contatos.

Em pouco tempo ele ganhou — e mais de uma vez — alguns florins, que imediatamente voltou a aplicar em novos bilhetes, até que um dia recebeu de um agente lotérico estrangeiro, que no entanto chamava a si mesmo de banqueiro, uma considerável soma, o suficiente para que ele levasse a cabo seus planos de redenção. Agora ele não se espantava mais com sua sorte, que lhe parecia algo natural; apesar disso, sentia-se aliviado, especialmente junto a seu bom hospedeiro, a quem ele causava tantos aborrecimentos em virtude de seu tão fino cardápio. Contudo, em vez de resolver tudo rapidamente, pagar imediatamente suas dívidas e seguir viagem, ele considerou, e em seguida decidiu, que seria melhor alegar uma curta viagem de negócios, e mais tarde, a partir de uma grande cidade, informar que um acaso incontornável o impediria definitivamente de retornar. Com esse plano, pretendia liquidar suas obrigações, deixar uma

boa impressão e se dedicar, agora de maneira renovada e com mais prudência e sorte, ao seu ofício de alfaiate, ou mesmo buscar algum outro curso de vida decente. É claro que o mais desejável seria se manter em Goldach como mestre alfaiate, e ele teria tido agora os meios para alcançar, desse modo, rendimentos modestos; mas era evidente que naquela cidade ele só poderia viver como conde.

Em razão da visível preferência e bem-querer que cada vez mais Nettchen manifestava em relação a ele, corriam já muitos boatos e ele havia até mesmo notado que a senhorita era vez ou outra chamada de condessa. Como ele poderia preparar aquele ser para tais desdobramentos? Como poderia contrariar o destino que tanto o elevou, envergonhando a si mesmo de modo tão ímpio?

Ele recebeu de seu agente lotérico, o suposto banqueiro, uma letra de crédito que sacou em um estabelecimento de Goldach; essa operação fortaleceu ainda mais a boa opinião sobre sua pessoa e seus contatos, uma vez que os íntegros comerciantes não pensavam nem remotamente em uma transação lotérica. Então, nesse mesmo dia, Strapinski compareceu a um majestoso baile para o qual havia sido convidado. Ele apareceu todo vestido de preto e imediatamente anunciou àqueles que o cumprimentavam que precisava partir em viagem.

Em dez minutos a notícia já era conhecida por todos os convidados. Strapinski buscava o olhar de Nettchen, mas esta, como que em choque, parecia evitar seu olhar, por vezes corando, por vezes empalidecendo. Em seguida, ela dançou repetidas vezes com uma sequência de jovens cavalheiros, sentou-se distraída e sem ar, recusando por fim um convite do polonês — que havia se aproximado com uma curta reverência — sem sequer olhar para ele.

Estranhamente agitado e preocupado, ele se dirigiu para fora, vestiu seu famoso sobretudo e passeou pelo jardim com os cabelos ao vento. Nesse momento, tornou-se-lhe claro que, em realidade, ele havia permanecido ali por tanto tempo apenas por causa daquela pessoa, que a esperança indefinida de voltar a privar de sua proximidade ainda o animava de modo inconsciente, mas que, no entanto, toda aquela transação consistia em uma impossibilidade desesperadora.

Caminhava nesse estado de espírito quando ouviu atrás de si passos rápidos, que se aproximavam leves, mas inquietos. Nettchen passou por ele e, a julgar por algumas palavras ditas por ela, parecia procurar por seu coche, embora ele estivesse estacionado do outro lado da casa e aqui houvesse apenas repolhos de inverno e fartas rosas em botão dormindo o sono dos justos. Então ela caminhou de volta e, como agora ele se colocasse em seu caminho, com o coração

palpitante e estendendo-lhe as mãos em súplica, ela caiu sem delongas em seu abraço e, lastimosa, começou a chorar. Ele cobriu sua face ardente com seus suaves e fragrantos cabelos negros e seu sobretudo envolveu como as asas de uma águia negra a figura da moça, alva como neve, altiva e delgada; era uma imagem verdadeiramente bela, que parecia se justificar de forma plena.

Contudo, nessa aventura Strapinski perdeu seu juízo, ganhando a felicidade que frequentemente é cara aos desajuizados. Nettchen revelou ao seu pai naquela mesma noite, no caminho de volta para casa, que o conde, e nenhum outro, teria o seu coração; este apareceu na primeira hora da manhã, para se declarar ao pai da moça, daquela mesma forma tão amavelmente tímida e melancólica de sempre, e o pai lhe respondeu com o seguinte discurso:

— Então o destino e a vontade dessa moça tola acabaram por se concretizar! Desde menina ela nunca deixou de afirmar que só se casaria com um italiano ou com um polonês, com um grande pianista ou com um salteador de belos cabelos, e eis que ela ganha o seu presente! Ela recusou os bem-intencionados pedidos dos pretendentes da nossa terra. Recentemente eu precisei declinar o sensato e valeroso Melchior Böhni, que ainda fará grandes negócios. Ao final, ela zombou terrivelmente dele por suas costeletinhas

ruivas e por cheirar rapé de uma latinha prateada! Bem, graças a Deus, apareceu-nos um conde polonês vindo das mais remotas distâncias! Leve a pombinha, senhor conde, e mande-a de volta para mim quando ela se fartar de suas polaquices e um dia se tornar infeliz e chorosa! Ah, como ficaria encantada a sua bendita mãe se tivesse visto que sua menina mimada se tornou uma condessa!

Então houve uma grande agitação; em poucos dias o noivado precisou ser comemorado às pressas, pois o conselheiro insistiu que o seu futuro genro não deveria ser privado de seus negócios e das viagens que planejara por conta de assuntos relativos ao casamento; pelo contrário, o casamento deveria ser apressado em virtude daquelas exigências.

Para o noivado, Strapinski ofereceu à noiva presentes que custaram a metade das suas posses à época; a outra metade ele gastou numa festa, que ele gostaria de dar à sua noiva. Já era carnaval e fazia um céu claro sob um resplandecente clima de inverno tardio. As estradas ofereciam rotas de esqui magníficas, do tipo que surgem e se mantêm raramente, e o conde Strapinski promoveu, por isso, uma excursão de esqui e um baile em uma imponente estalagem, a preferida para esse tipo de festa, por se situar em um altiplano com uma belíssima vista, a cerca de duas horas de distância e precisamente no meio do caminho entre Goldach e Seldvila.

Nessa mesma época, calhou de o senhor Melchior Böhni precisar cuidar de negócios nesta última cidade e se dirigiu até lá alguns dias antes da festa de inverno em um trenó leve, fumando seus melhores charutos; além disso, também calhou de os seldvilenses programarem uma excursão de esqui para o mesmo dia e lugar que os goldachianos, e, vale dizer, seria um passeio à fantasia ou máscara.

Assim, a comitiva de trenós dos goldachianos partiu por volta do meio-dia ao som de sinos, cornetas e chicotes através das ruas da cidade — sendo observada de cima pelos espantados emblemas das antigas casas —, e para além do portão. O primeiro trenó levava Strapinski e sua noiva; ele vestia uma sobrecasaca de veludo verde, pregada com cordões e adornada com felpo. Nettchen estava completamente envolvida por um casaco de pele branco; véus azuis protegiam seu rosto contra o ar gelado e contra o brilho da neve. O conselheiro, em razão de algum evento inesperado, foi impedido de acompanhar o passeio; apesar disso, o casal conduzia suas parelhas e seu trenó, este último tendo à frente a imagem dourada de uma mulher, que representava a Fortuna; pois a moradia urbana do conselheiro se chamava A Fortuna.

Seguiam-lhe entre quinze e dezesseis carros, cada um com um cavalheiro e uma dama, todos adornados e contentes,

mas nenhum desses pares era tão belo e majestoso quanto o casal de noivos. Os trenós exibiam, tal como os navios levam suas figuras de proa, o emblema da casa a que cada um pertencia, de modo que o povo exclamava: “Vejam, ali vai A Coragem! Como é bela A Aptidão! O Aperfeiçoamento parece recém-envernizado e A Parcimônia acabou de ser adornada de ouro! Ah, o Poço de Jacó e o Tanque de Betesda!”. O Tanque de Betesda, um carro puxado por um só cavalo que fechava a comitiva, era conduzido por Melchior Böhni, que se mostrava tranquilo e contente. Seu veículo levava à frente, como figura de proa, a imagem daquele homenzinho judeu que esperou trinta anos por sua cura no dito tanque⁴. Era desse modo, então, que navegava a esquadra sob o brilho do sol; e logo apareceu, nas reluzentes alturas à distância, o ponto de chegada que se aproximava. Ao mesmo tempo, começava-se a ouvir uma música alegre que vinha daquela direção.

De dentro da floresta levemente congelada surgiu uma confusão de cores e formas variadas, que se revelou uma comitiva de trenós e que, vista no horizonte do campo ne-

4 O Tanque de Betesda era um reservatório de água em Jerusalém. No Evangelho de João, é o lugar em que Jesus cura um paralítico que aguardava ali alguém que pudesse ajudá-lo a entrar no tanque (João 5).

vado, destacava-se contra o azul do céu; como a primeira comitiva, de aspecto mais extravagante, deslizava para o centro do campo. Pareciam ser sobretudo trenós de carga, ligados dois a dois, que serviam de suporte para a exibição de estranhas imagens e alegorias. Do veículo mais à frente se elevava uma figura colossal representando a deusa Fortuna, que parecia voar aos céus. Era um gigantesco boneco de palha coberto de lâminas reluzentes de ouro falso, cujas vestes de gaze esvoaçavam ao vento. Sobre o segundo carro, contudo, avançava um bode de proporções igualmente gigantes, destacando-se com suas formas escuras e sombrias, e caçando a fortuna com os chifres abaixados. Seguia-lhes uma estranha estrutura, que se assemelhava a um ferro de passar de cinco metros de altura, depois uma tesoura que, com o auxílio de um cabo, abria-se e fechava-se violentamente e que parecia tratar o firmamento como um colete de seda azul. Outras referências comuns à alfaiataria ainda se seguiam e, ao pé de todas essas figuras, assentada em amplos trenós, cada um puxado por quatro cavalos, via-se a sociedade seldvilense em fantasias multicoloridas, rindo e cantando animadamente.

As duas comitivas se trombaram na entrada da estalagem, de modo que a chegada foi ruidosa e houve um grande empurra-empurra de homens e cavalos. Os senhores de Goldach estavam surpresos e pasmos com aquele encontro

extravagante; os seldvilenses, por sua vez, mostraram-se a princípio agradáveis e amigavelmente despretensiosos. Seu trenó de abertura, com a deusa Fortuna, levava a inscrição: “As pessoas fazem as roupas” e viu-se que todo o grupo estava fantasiado de alfaiates de todos os países e de todas as épocas. Era, em certa medida, um festival histórico-etnográfico de alfaiataria, e a comitiva se encerrava com uma inscrição que invertia e completava aquela primeira: “As roupas fazem as pessoas!”. Representando a obra dos antigos devotos da costura, pagãos e cristãos, seguiam nesse último carro honoráveis imperadores e reis, conselheiros e oficiais, prelados e abadessas, sempre demonstrando a maior gravidade.

Essa multidão de alfaiates conseguiu sair com habilidade da confusão e, humildemente, deixou que os cavalheiros e damas goldachianos, com os noivos na dianteira, adentrassem a casa e ocupassem os espaços térreos reservados para eles, enquanto os seldvilenses subiam rumorejantes as largas escadas em direção ao grande salão de festas. Os acompanhantes do senhor conde julgaram adequado esse comportamento, e sua surpresa se transformou em alegria e em sorrisos que assentiam ao indestrutível bom humor dos seldvilenses; apenas o conde alimentava alguns sentimentos estranhos e incômodos, embora não sentisse, nesse seu estado de preocupação, nenhuma desconfiança particular, nem havia notado

de onde vinham aquelas pessoas. Melchior Böhni, que havia cuidadosamente deixado de lado seu Tanque de Betesda e se mantinha, atento, na proximidade de Strapinski, disse em voz alta, para que este ouvisse, um lugar completamente diferente como local de origem da companhia de mascarados.

Logo os dois grupos, cada um em seu andar, sentaram-se às suas mesas para os banquetes e engataram alegres diálogos e gracejos, na expectativa de novos divertimentos.

Estes também se anunciavam para os goldachianos, que subiam em pares até o salão de dança, onde os músicos já afinavam seus violinos. Quando quiseram formar um círculo, organizando-se em fila, apareceu uma delegação de Seldvila, que apresentou um requerimento de boa vizinhança e a proposta de conceder uma visita aos senhores e senhoras de Goldach e, para o seu deleite, apresentar-lhes um número de dança. Essa proposta não podia ser de modo algum recusada, pois os animados seldvilenses prometiam um excelente divertimento; em seguida, os goldachianos se posicionaram, segundo a orientação da mencionada delegação, em um grande semicírculo, e no meio da fila cintilavam Strapinski e Nettchen como estrelas principescas.

Então aquele grupo de alfaiates começou a ingressar, um membro de cada vez. Cada um realizava uma graciosa pantomima inspirada na frase “Pessoas fazem roupas” e

também na sua inversão; assim, eles inicialmente pareciam confeccionar diligentemente uma suntuosa peça de roupa, a manta de um príncipe, batinas sacerdotais etc., e em seguida uma pessoa indigente era vestida com elas, de modo que esta de repente se transformava, assumindo uma aparência nobilíssima e acompanhando solenemente o compasso da música. Também uma fábula era encenada desse modo, quando uma imensa gralha apareceu adornada de penas de pavão, grasnando e saltando de um lado para o outro; depois um lobo, que costurou para si mesmo uma pele de cordeiro; e finalmente um asno, que vestia uma assustadora pele de leão, toda de retalhos, e se enfeitava com ela de modo heroico, como se vestisse o casaco da sociedade secreta dos Carbonari.⁵

Todos os que entravam desse modo em cena davam um passo atrás depois de realizada a apresentação, paulatinamente transformando o semicírculo dos goldachianos em um círculo maior de espectadores, cujo espaço interior restou vazio. Nesse momento, a música assumiu um tom melancólico, ao mesmo tempo em que uma última aparição adentrava o círculo, e todos os olhos se dirigiram a ela. Era um jovem esguio vestindo um sobretudo escuro, com belos

5 Sociedade secreta italiana que defendia ideias liberais e patrióticas no início do século XIX.

cabelos negros e um gorro polonês, interpretando ninguém menos que o conde Strapinski, exatamente como ele estava ao caminhar pela estrada naquele dia de novembro ao subir naquela fatídica carruagem.

Em silêncio e tensão, o grupo inteiro observava a figura, que caminhava a esmo em um passo solene e melancólico, segundo o compasso da música; em seguida, ele seguiu até o centro do círculo, estendeu o sobretudo no chão, sentou-se sobre ele como se sentam os alfaiates e começou a desembrulhar um pacote. Ele sacou dali a casaca de um conde, que estava praticamente pronta, muito parecida com a que Strapinski usava naquele momento, pregou nela, com pressa e agilidade, franjas e cordões, e com um ferro a passou minuciosamente, testando o ferro aparentemente quente com o dedo úmido. Em seguida, ele se levantou lentamente, despiu-se do casaco que então trajava, vestiu as roupas luxuosas, pegou um espelinho, penteou-se e completou seu traje, finalmente se mostrando a cópia fiel do conde. Inesperadamente a música assumiu notas rápidas e vivazes, o homem enrolou seus pertences no antigo sobretudo e lançou o pacote por cima das cabeças dos presentes, para o fundo da sala, como se quisesse se livrar para sempre do seu passado. Na sequência, contornou o círculo como um orgulhoso homem do mundo em majestosos passos de dança,

de vez em quando curvando-se reverentemente diante dos presentes, até estar de frente com os noivos. Subitamente ele encarou de modo firme o polonês, que estava terrivelmente assustado, postando-se em silêncio diante dele; ao mesmo tempo, como que por um acordo, a música parou e um silêncio apavorante se instalou como um clarão mudo.

— Ai ai ai ai! — exclamou, com a voz alta o suficiente para todos ouvirem, e estendeu os braços na direção do infeliz. — Olha aí o meu irmão silesiano, o polaco-alemão! Ele fugiu de minha oficina por achar que uma pequena oscilação nos negócios me liquidaria. Mas muito me alegra ver que você está tão feliz e que está passando um carnaval tão animado aqui! Você está em Goldach a trabalho?

Ao dizer isso para o conde, que estacava ali, pálido e risonho, estendeu-lhe a mão, que aquele apertou contra sua vontade, como se estivesse diante de uma barra de ferro incandescente; enquanto isso, o sócia exclamava:

— Venha, amigo! Olha ali o nosso caro companheiro de alfaiataria, que se parece com um Rafael; as nossas criadas o adoram, para não falar da filha do pastor, que, para dizer a verdade, está meio maluca!

Então todo o pessoal de Seldvila se aproximou, apertando-se em torno de Strapinski e seu antigo mestre, cumprimentando o primeiro ingenuamente e com tanta força

que ele até balançava em sua cadeira. Ao mesmo tempo, a música recomeçou com uma animada marcha; os seldvilenses, assim que se afastaram dos noivos, se organizaram para a saída e marcharam para fora da sala entoando um coro diabólico de risadas cuidadosamente ensaiado, enquanto os goldachianos — entre os quais Böhni fazia correr como um relâmpago a explicação do milagre — espalhavam-se confusamente, trombando com os seldvilenses e criando um grande tumulto.

Quando o tumulto finalmente se dissipou, o salão ficou praticamente vazio; algumas poucas pessoas se recostavam nas paredes e, constrangidas, sussurravam entre si; um par de jovens damas se mantinha a alguma distância de Nettchen, sem decidir se deveriam ou não se aproximar.

O casal, contudo, mantinha-se imóvel em suas cadeiras, como um casal de reis egípcios petrificados, em completo silêncio e solidão; era quase possível sentir a areia do Saara passando por eles.

Nettchen, branca como mármore, voltou lentamente seu rosto para o noivo e, de lado, olhou para ele de um modo estranho.

Então ele se levantou devagar e, com passos pesados, dirigiu-se para fora, os olhos pregados no chão, enquanto grossas lágrimas escorriam deles.

Ele passou pelos goldachianos e pelos seldvilenses, que obstruíam as escadas, como um morto que se furta fantasmagoricamente do tumulto de um mercado, e eles o deixaram passar de um modo estranho, também como se ele fosse um morto, desviando-se silenciosamente dele, sem rir nem dizer palavras duras. Enquanto os seldvilenses se divertiam em seus salões, ele passou também por entre os trenós e cavalos de Goldach — que já estavam atrelados para a partida — e andejou quase involuntariamente para a estrada na direção de Seldvila, a mesma de onde há alguns meses ele havia chegado, convencido de que não mais voltaria para Goldach. Ele rapidamente desapareceu na escuridão da floresta, através da qual seguia a estrada. Levava a cabeça descoberta, pois havia deixado seu gorro polonês na sala de dança, no parapeito da janela, ao lado das luvas. E assim caminhava adiante com a cabeça encolhida e protegendo as mãos geladas sob os braços cruzados, enquanto organizava seus pensamentos e chegava a algumas conclusões. O primeiro sentimento claro de que se deu conta foi uma imensa ignomínia, como se ele realmente tivesse sido um homem de títulos e reputação e agora se tornasse infame por ter caído sobre ele uma fatídica desgraça. Mas em seguida ele se desprendeu desse sentimento, com certa percepção de ter sofrido uma injustiça. Até a sua gloriosa entrada naquela maldita cidade, ele jamais havia

sido culpado de qualquer ofensa. Seus pensamentos retrocederam até a infância e ele não foi capaz de se lembrar de alguma vez ter sido punido ou repreendido por conta de uma mentira ou perfídia. Agora, se tornara um charlatão porque a loucura do mundo havia caído sobre ele em um momento de desatenção e, por assim dizer, de vulnerabilidade, e fez dele um companheiro de brincadeiras daqueles homens. Ele se sentia como um menino que havia sido persuadido por uma criança malvada a roubar o cálice do altar; odiava e desprezava a si mesmo, mas também chorava por si e por seu infeliz deslize.

Quando um príncipe toma de assalto terras e povos; quando um sacerdote profere as doutrinas de sua igreja sem convicção, mas gasta, cheio de dignidade, o dinheiro do dízimo; quando um professor arrogante goza das honras e vantagens de sua elevada posição de ensino sem compreender a grandeza de sua ciência, nem oferecer a ela a menor das contribuições; quando um artista sem virtude, com atitudes superficiais e truques vazios, se torna o artista da moda, roubando com isso o pão e a glória de quem realmente trabalha para a arte; ou quando um vigarista que herdou ou sarrupiu o nome de um grande comerciante, por conta de sua tolice e irresponsabilidade, esbanja milhares de suas economias e reservas, então nenhum desses chora por si mesmo, mas

goza de seu bem-estar e não fica sequer uma tarde sem bons amigos nem de sociedade que o reconforte.

Mas nosso alfaiate chorava amargamente por si; quer dizer, ele subitamente passou a chorar assim quando suas reflexões se afastaram daquela embaraçosa cadeia de eventos em que se prendiam e insensivelmente se voltaram para a sua noiva abandonada; e por vergonha diante do que estaria por vir, suas reflexões como que se prostraram. O infortúnio e a humilhação lhe mostravam, como num clarão, a felicidade perdida e transformavam o errante que não se sabia apaixonado em amante rejeitado. Ele jogou as mãos para as estrelas que brilhavam friamente e cambaleou, mais do que andou, por sua estrada, parou mais uma vez em silêncio, sacudindo a cabeça, no momento em que um brilho vermelho iluminou a neve que o cercava e, ao mesmo tempo, ouviram-se sinos e risadas. Eram os selvagens, que voltavam para casa com tochas. Os narizes dos primeiros cavalos já se aproximavam dele; então ele se recompôs, deu um forte salto para fora da estrada e se encolheu sob os primeiros galhos do bosque. A doida comitiva passou por ele e finalmente ecoou na negra distância sem que o fugitivo fosse percebido; mas este, depois de ficar um bom tempo imóvel e à espreita, tomado pelo frio, pelas bebidas ardentes que havia ingerido antes e por

sua lamentável estupidez, espreguiçou-se sem dar por si e adormeceu na neve que estalava, enquanto a aragem gélida do oeste começava a soprar.

Nesse meio tempo, também Nettchen se levantou de seu assento solitário. Ela havia observado com alguma atenção a partida do seu amado, permaneceu imóvel por mais de uma hora e então se levantou, chorando amargamente e seguindo desorientada em direção à porta. Duas amigas então se aproximaram, consolando-a com palavras ambíguas; ela pediu que recolhessem seu sobretudo, lenços, chapéu etc., e em seguida se cobriu mudamente com essas coisas, secando vigorosamente seus olhos com o véu. Mas, como o choro quase sempre faz com que o nariz precise ser assoado, ela se viu na necessidade de sacar um lenço de bolso e dar uma bela assoada, olhando em seguida em torno de si cheia de orgulho e ira. Esse seu olhar cruzou com o de Melchior Böhni, que se aproximou dela de modo amigável, humilde e sorridente, apresentando-lhe a necessidade de que alguém a conduzisse e acompanhasse de volta à casa paterna.

— Deixarei aqui na estalagem o Tanque de Betesda — disse ele —, e conduzirei n’A Fortuna a venerada infeliz em segurança de volta para Goldach.

Sem responder, ela se encaminhou com passos firmes para o pátio em que seu trenó aguardava com seus cavalos impacientes e bem-alimentados, um dos últimos que restavam ali. Ela tomou rapidamente seu assento, assumiu as rédeas e o chicote. Enquanto o desatento Böhni gesticulava em um atarefamento contente, procurando a gorjeta para o servo do estábulo que havia cuidado dos cavalos, ela instigou os bichos e seguiu estrada afora a trote, que logo se converteu em pleno galope. Sua direção, vale dizer, não era o lar, mas a estrada para Seldvila. Foi apenas quando o levíssimo veículo já havia desaparecido no horizonte que o senhor Böhni descobriu o ocorrido; correu então na direção de Goldach gritando “ei! ei!”, e “pare!”; em seguida, retornou apressadamente e, com seu próprio trenó, saiu no encalço da beldade que fugia — ou, como pensava, havia sido levada pelos cavalos —, até chegar ao portão da cidade em polvorosa, onde o escândalo já ocupava todas as línguas.

Por que razão Nettchen havia encetado aquele caminho, se por confusão ou decisão, é difícil relatar. Duas circunstâncias podem lançar leve luz sobre esse ponto. A primeira é que o gorro felpudo e as luvas de Strapinski, que haviam sido postos sobre o parapeito da janela atrás dos noivos, agora estavam estranhamente depositados no trenó A Fortuna, ao lado de Nettchen; ninguém notou quando e como

ela pegou esses objetos, nem ela própria saberia dizer; as coisas se passaram como se Nettchen sonambulasse. Naquele momento ela ainda não sabia que o gorro e as luvas estavam ao seu lado. Além disso, dizia para si mesma em voz alta e mais de uma vez:

— Eu ainda preciso trocar duas palavras com ele, apenas duas palavras!

Esses dois fatos parecem comprovar que aqueles cavalos fogosos não foram conduzidos apenas pelo acaso. Era estranho o modo como, tendo chegado à estrada do bosque, sobre a qual agora brilhava a clara lua cheia, Nettchen moderou o andamento dos cavalos e apertou as rédeas, de modo que estes quase dançavam em seu passo lento, enquanto a condutora fixava tensamente os olhos tristes, mas ainda agudos, no caminho, sem deixar de procurar, à direita e à esquerda, qualquer objeto estranho, por mais insignificante que fosse.

Sua alma estava ao mesmo tempo tomada de um profundo, pesado, infeliz alheamento. O que são a felicidade e a vida! De que elas dependem? O que somos nós próprios para que nos tornemos felizes ou infelizes por conta de uma ridícula mentira de carnaval? Que culpa temos nós, se em razão de uma inclinação alegre e crédula, colhemos desonra e desesperança? Quem nos envia essas simplórias

aparições enganosas, que intervêm ruinosamente em nossos destinos, para que elas próprias se dissolvam como débeis bolhas de sabão?

Essas perguntas mais sonhadas que pensadas envolviam a alma de Nettchen, quando seus olhos subitamente se voltaram para um objeto alongado e escuro que, à margem da estrada, se destacava em contraste com a neve iluminada pela lua. Era Wenzel, estendido no chão, cujos cabelos escuros se confundiam com a sombra das árvores enquanto seu corpo esguio se expunha à claridade da luz.

Nettchen freou involuntariamente os cavalos e um profundo silêncio tomou o bosque. Ela fixou longamente o olhar sobre o corpo escuro, até que ele próprio se apresentasse aos seus olhos clarividentes de modo quase inconfundível; amarrou levemente as rédeas, desceu, acalmou os cavalos com um curto afago e em seguida se aproximou cuidadosa e silenciosamente da figura.

Sim, era ele. O veludo verde-escuro de sua casaca se destacava de um modo belo e nobre em meio à neve noturna; o corpo esguio e os braços vigorosos, bem adornados e vestidos, tudo, naquele torpor, à beira da ruína e da desgraça, ainda dizia: As roupas fazem as pessoas!

Quando a bela e solitária moça se curvou sobre ele, reconhecendo-o para além de qualquer dúvida, simultaneamente

percebeu também o risco à vida dele e temeu que pudesse já estar congelado. Por isso ela tomou irrefletidamente uma de suas mãos, que pareciam geladas e inertes. Esquecendo todo o resto, ela sacudiu o pobre coitado dizendo-lhe ao ouvido seu nome de batismo: Wenzel! Wenzel! Em vão, pois ele não se movia, apenas respirava débil e tristemente. Então ela caiu sobre ele, levou a mão ao seu rosto e, alarmada, deu-lhe leves batidas na ponta de seu nariz empalidecido. Em seguida, movida por uma nova ideia, pegou alguns punhados de neve e, zelosamente, esfregou o quanto pôde o seu nariz, seu rosto e também os dedos, até que o feliz infeliz se recuperou, despertou e lentamente se colocou de pé.

Ele olhou em volta de si e viu sua salvadora ao seu lado. Ela tinha levantado o véu; Wenzel reconheceu cada traço de seu rosto branco, que o examinava de olhos muito abertos.

Ele desabou diante dela, beijou a barra de seu sobretudo e exclamou:

— Perdoe-me! Perdoe-me!

— Venha, estrangeiro! — ela disse com a voz trêmula e contida. — Quero conversar com você e então despachá-lo!

Com um gesto, o convidou a subir no trenó, o que ele fez de modo obediente; deu-lhe o gorro e as luvas, tão involuntariamente quanto da primeira vez que os havia pegado, tomou as rédeas e o chicote e seguiu adiante.

Para além do bosque, não muito distante da estrada, havia um sítio em que vivia uma camponesa cujo marido havia morrido há pouco tempo. Nettchen era a madrinha de um de seus filhos, em razão de ser seu pai, o conselheiro, o senhor daquelas terras. Recentemente a mulher esteve em sua casa, para lhe desejar felicidades e oferecer todo tipo de conselho, mas a esta hora era impossível que soubesse da mudança no estado das coisas.

Nettchen conduzia agora na direção daquele terreno, afastando-se da estrada e parando diante da casa com ruidosas chicotadas. Ainda havia luz por trás das pequenas janelas; com efeito, a camponesa estava acordada e se ocupava de algum afazer, enquanto as crianças e a criadagem há muito dormiam. Ela abriu a janela e olhou espantada para fora.

— Sou eu, somos nós — gritou Nettchen. — Nos perdemos graças à nova estrada, que eu ainda não cheguei a conhecer; faça-nos um café, comadre, e deixe-nos entrar por um instante antes de retomarmos nosso caminho!

Muito contente, a camponesa correu para fora, pois reconhecera Nettchen imediatamente. Mostrou-se a um só tempo encantada e intimidada, também por ver aquele grande espécime, o conde estrangeiro. Aos seus olhos, todo o júbilo e brilho deste mundo cruzavam a soleira de sua porta na figura

daquelas duas pessoas; esperanças difusas, uma pequena parte delas em conseguir algum ganho naquilo para si ou para os seus filhos, deram ânimo à mulher e lhe conferiram toda a aptidão para servir os jovens senhores. Rápido, acordou uma servazinha para que cuidasse dos cavalos e logo tinha pronto o café quente, que agora trazia para o cômodo onde, à meia-luz, Wenzel e Nettchen repousavam sentados, um diante do outro, tendo entre eles um pequeno candeeiro tremeluzindo sobre a mesa.

Wenzel apoiou a cabeça sobre as mãos, sem ousar encará-la. Nettchen se recostou em sua cadeira enquanto mantinha os olhos fortemente fechados, mas, como também mantinha fechada com amargor sua bela boca, via-se claramente que ela não dormia.

Assim que a comadre pôs a bebida sobre a mesa, Nettchen rapidamente se levantou e lhe sussurrou:

— Agora nos deixe sozinhos por alguns minutos, vá se deitar, querida senhora; desentendemo-nos um pouco e precisamos conversar ainda hoje. Esta é a melhor ocasião para isso!

— Ah, já entendi, vocês fazem bem em conversar! — disse a senhora e logo deixou os dois a sós.

— Beba isto — disse Nettchen, que já havia voltado a se sentar. — Vai lhe fazer bem!

Ela própria não tocou em nada. Wenzel Strapinski, que tremia levemente, aprumou-se, serviu-se de uma xícara e tomou-a inteira, mais porque ela havia lhe dito do que para se aquecer. Agora também ele olhava para ela. Quando os olhares se encontraram, Nettchen perscrutou Strapinski, balançou a cabeça e disse:

— Quem é o senhor? O que o senhor queria de mim?

— Eu não sou totalmente o que eu aparento ser! — respondeu ele tristemente. — Sou um pobre louco, mas eu irei reparar tudo, irei recompensá-la e não estarei por muito mais tempo em sua vida!

Ele disse essas palavras sem qualquer artificialidade e com tanta convicção que os olhos de Nettchen cintilaram sutilmente. Não obstante, ela repetiu:

— Eu desejo saber quem o senhor realmente é, de onde vem e para onde se dirige.

— Tudo se passou exatamente como irei agora contar para a senhorita, segundo a mais estrita verdade — ele respondeu, dizendo-lhe quem ele era e como as coisas se passaram desde sua chegada a Goldach. Em especial, ele jurou que muitas vezes pensou em fugir, mas foi impedido pelo fato de que ela própria lhe aparecera como em um sonho encantado.

Em vários momentos, Nettchen foi obrigada a conter o riso; porém, a seriedade da sua situação prevaleceu,

impedindo que ele viesse à tona. Ao contrário, ela prosseguiu perguntando:

— E para onde o senhor tencionava me levar, e o que faríamos?

— Eu mesmo não sei — respondeu ele. — Esperava ainda por outros daqueles estranhos lances de sorte; por vezes, eu também pensava na morte que eu próprio gostaria de me dar depois que eu — nesse ponto, Wenzel gaguejou e seu rosto pálido ficou inteiramente vermelho.

— Mas prossiga! — disse Nettchen empalidecendo, enquanto seu coração palpitava extraordinariamente.

Nesse momento, os olhos de Wenzel se inflamaram com doçura e ele exclamou:

— Sim, agora eu vejo muito claramente o que teria ocorrido! Eu teria percorrido todo o mundo com você, depois de ter vivido alguns poucos dias de felicidade eu confessaria a mentira e imediatamente teria me matado. Você retornaria à casa do seu pai, onde seria bem cuidada e me esqueceria rapidamente. Ninguém precisaria conhecer os motivos; eu teria desaparecido sem deixar rastros. Em vez de passar a vida toda padecendo do anseio por uma existência digna, por um coração benévolo, por amor — ele prosseguiu tristemente —, eu teria sido grande e feliz por um instante apenas, me elevaria acima de todos aqueles que não são nem felizes

nem infelizes e, apesar disso, nunca desejam morrer! Ah, se a senhorita tivesse me deixado estar na neve fria, eu teria adormecido tão calmamente!

Ele voltou a se calar, olhando à sua frente, sombrio e meditativo.

Depois de um instante, Nettchen, que o observava calada esperando que as batidas de seu coração, reanimadas pela fala de Wenzel, se aquietassem um pouco, disse-lhe:

— O senhor já havia aplicado esse tipo de golpe ou outro semelhante, enganando pessoas desconhecidas que nenhum mal lhe fizeram?

— Eu mesmo já me perguntei isso, nesta mesma noite amarga, e não pude me recordar de jamais ter sido um mentiroso! Eu nunca vivi ou pratiquei tal tipo de aventura! Sim, naqueles dias, quando surgiu em mim a inclinação para ser ou parecer alguém decente, ainda no meio da infância, eu prevaleci sobre mim mesmo e renunciei a uma felicidade que me foi conferida!

— Qual era ela? — perguntou Nettchen.

— Minha mãe, antes de se casar, estava a serviço de uma senhora de terras de nossa vizinhança. Esteve com ela em viagens e em grandes cidades. Foi daí que ela adquiriu modos mais finos que os das mulheres do nosso povoado, ela inclusive se envaidecia bastante por isso; daí o motivo de

ela se vestir, e a mim, seu único filho, sempre de modo mais elegante e pomposo do que era costume em nossa terra. Mas como meu pai, um pobre professor, morreu cedo, fomos assolados pela pobreza. Não nos restou nenhuma esperança de viver a felicidade com a qual minha mãe costumava sonhar. E o contrário ocorria, pois ela precisava se dedicar a trabalhos pesados para nos alimentar, sacrificando, desse modo, aquilo que lhe era mais caro, melhores condições e vestimentas. Então, de modo inesperado, quando eu tinha cerca de dezesseis anos, aquela senhora de terras, recentemente enviuvada, disse-me que iria se mudar definitivamente para a sua residência urbana; pedia que minha mãe me deixasse acompanhá-la, que era uma pena que eu ficasse no povoado para me tornar um diarista ou um servo, ela gostaria de me ensinar algo requintado, algo que eu próprio desejasse; enquanto isso, eu poderia viver em sua casa e poderia fazer este ou aquele serviço mais leve. Aquilo nos pareceu o que de mais esplêndido poderia acontecer. Assim, tudo foi acordado e preparado, enquanto minha mãe se tornava mais meditativa e triste, até que um dia me pediu subitamente, às lágrimas, que eu não a deixasse, que eu me mantivesse pobre ao seu lado; ela não chegaria à velhice, disse, e eu certamente ainda poderia conquistar algo de bom depois que ela estivesse morta. A senhora de terras, a quem, tristonho, eu havia

comunicado aquilo tudo, foi até ela e a aconselhou; mas a essa altura minha mãe já estava totalmente aflita e chegou a gritar várias vezes que não deixaria que lhe roubassem o filho; quem quer que o conhecesse...

A essa altura, Wenzel Strapinski voltou a gaguejar e não sabia bem como prosseguir.

Nettchen perguntou:

— O que disse sua mãe? Quem quer que o conhecesse o quê? Por que você não continua?

Wenzel enrubesceu e respondeu:

— Ela disse algo estranho, algo que não entendi bem e, de toda forma, algo que eu desde então sequer presumi entender; ela disse que quem quer que conhecesse seu filho jamais poderia deixá-lo, talvez querendo dizer com isso que eu era um jovem bondoso ou algo do gênero. Em suma, ela estava tão aflita que eu, apesar de todo o encorajamento daquela dama, renunciei e permaneci com minha mãe, motivo pelo qual ela me amava em dobro, pedindo-me milhares de vezes que a perdoasse, porque havia se colocado no caminho da minha felicidade. Mas agora eu precisava aprender um ofício e, no fim das contas, não havia muito o que fazer a não ser me tornar o aprendiz de alfaiate em nosso povoado. Não era o que eu queria, mas minha mãe chorou tanto que eu acabei cedendo. Esta é a história.

À pergunta de Nettchen, por que então ele se separou de sua mãe e quando, Wenzel respondeu:

— Fui convocado para o serviço militar. Fui alistado sob a cavalaria húngara e eu era um belo membro da companhia, embora talvez o mais estúpido do regimento, ou ao menos o mais quieto. Depois de um ano eu finalmente pude tirar algumas semanas de férias e corri para casa, para ver minha boa mãe; mas ela havia acabado de morrer. Lá estava eu então, quando meu serviço chegou ao fim, viajando sozinho pelo mundo e finalmente aqui, enredado em minha infelicidade.

Nettchen ria enquanto ele se lamentava, olhava-o atentamente. Nesse momento, fez-se um instante de silêncio no cômodo; e súbito pareceu que uma ideia lhe havia ocorrido.

— Como o senhor — disse ela de repente, mas de modo bastante hesitante — sempre foi tão prezado e amado, sem dúvida também teve, quando quis, seus namoros mais sérios ou algo parecido. Certamente carrega na consciência mais de uma pobre moça... sem mencionar eu própria.

— Ah, Deus — respondeu Wenzel, corando inteiramente —, antes de encontrar a senhorita, eu jamais havia tocado um dedo sequer em uma donzela, a não ser...

— E então? — disse Nettchen.

— Pois bem — prosseguiu ele —, aquela mesma mulher que gostaria que eu a acompanhasse e que me daria uma

formação tinha uma filha, uma moça de sete ou oito anos, uma criança intensa, extraordinária, doce como açúcar e bela como um anjo. Eu precisei servir-lhe como criado e protetor diversas vezes. Ela acabou se apegando a mim. Eu a levava regularmente até o presbitério mais distante, onde ela tinha aulas com o velho padre, e depois a buscava. Com frequência eu também tinha de passear com ela, quando ninguém podia acompanhá-la. Pois bem, na última vez que atravessamos o campo em direção à casa, sob o brilho da tarde, essa criança começou a falar da partida iminente, dizendo-me, no entanto, que eu precisava acompanhá-los e me perguntando se eu gostaria de fazê-lo. Eu disse que não seria possível. A criança, porém, continuou, pedindo insistente e comovidamente enquanto me segurava pelo braço, impedindo-me de seguir andando, como costumam fazer as crianças. Eu acabei me desvencilhando dela de maneira imprudente e bastante rude. Então a menina baixou sua cabeça, tentando conter, triste e envergonhada, as lágrimas que já lhe brotavam, até que mal pôde controlar seus soluços. Tocado, eu tentei acalmar a criança, mas ela se afastou muito zangada, deixando-me em desconsolo. Desde então essa bela criança se manteve em minha memória, e meu coração se manteve atado a ela, embora eu nunca mais tenha tido notícias suas...

Subitamente, ele se conteve um tanto assustado, sentindo-se tomado de uma suave comoção, e encarou sua companheira empalidecendo:

— E então — disse Nettchen, com um estranho tom de voz e se tornando igualmente pálida. — Por que o senhor me olha assim?

Wenzel levantou o braço, apontando o dedo para ela, como se visse um fantasma, e gritou:

— Já vi isso antes. Quando aquela criança se zangou, os seus belos cabelos se levantaram levemente sobre as têmporas e a testa, como acontece agora com a senhorita, a ponto de ser possível vê-los se mexer; foi exatamente isso o que, por fim, aconteceu no campo naquele fim de tarde.

De fato, os cachos de Nettchen se moveram levemente, primeiro os que caíam sobre as têmporas, depois os de sobre sua testa, como se uma brisa lhe soprasse o rosto.

A mãe natureza, sempre um tanto coquete, havia empregado aqui um de seus segredos para encerrar esse penoso assunto.

Depois de um breve momento calada, no qual seu peito começou a se elevar, Nettchen se levantou, contornou a mesa na direção do homem e o abraçou dizendo:

— Eu não quero deixá-lo! Você é meu. Eu quero seguir com você, a despeito de todo o mundo!

Agora, com a alma profundamente resoluto, ela finalmente comemorava seu noivado, assumindo com doce paixão um destino para si e demonstrando sua lealdade.

Porém, ela não era tola a ponto de não corrigir um tanto do curso desse destino; ao contrário, ela tomou novas decisões rápida e audaciosamente. Assim, disse ao bom Wenzel, que se perdia no sonho dessa nova virada da sorte:

— Agora iremos diretamente a Seldvila mostrar aos locais de lá, aqueles que pretendiam nos arruinar, que no fim das contas nos uniram e nos tornaram felizes!

Não era claro, para o valente Wenzel, o motivo daquilo. Ele preferiria partir para algum lugar distante e desconhecido, onde viveria uma alegria serena, como ele dizia, de um modo misterioso, romântico.

Mas Nettchen exclamou:

— Chega de romance! Eu quero me declarar a você do jeito que você é, um pobre andarilho, e ser sua mulher na minha cidade, a despeito de todos esses orgulhosos e zombadores. Nós iremos para Seldvila. Lá iremos nos valer de ardis e esperteza para fazer com que aqueles zombadores se tornem dependentes de nós!

Dito e feito! A camponesa foi chamada e recompensada por Wenzel, que começava a entender a sua nova situação, e os dois seguiram seu caminho. Agora era Wenzel quem

segurava as rédeas. Nettchen se recostava nele com satisfação, como se recostasse na coluna de uma igreja. Pois, para o ser humano, o arbítrio é um reino celeste; e como Nettchen havia atingido a maioridade havia apenas três dias, agora podia seguir a própria vontade.

Em Seldvila pararam diante da hospedaria O Arco-íris, onde alguns daqueles viajantes ainda se sentavam em volta de seus copos. Quando o casal apareceu no salão principal, as conversas correram como fogo:

— Ah, isso aí deve ser um sequestro. A gente deu início a uma história muito divertida!

Wenzel, porém, atravessou o salão com sua noiva sem olhar para os lados. Depois que ela se recolheu para seus aposentos, ele se encaminhou para O Selvagem, uma outra boa hospedaria, e, atravessando os seldvilenses que ainda se abrigavam ali, marchou dignamente na direção do quarto que escolheu, deixando atrás de si debates tão impetuosos que deixaram os contendores com terríveis dores de cabeça.

Ao mesmo tempo, também em Goldach já corria em toda a parte a palavra “sequestro!”.

Na primeira hora da manhã, o Tanque de Betesda seguiu para Seldvila levando o aflito Böhni e o consternado pai de Nettchen. Em sua pressa, eles quase passaram reto por Seldvila, quando por sorte avistaram o trenó A Fortuna

parado diante da hospedaria. Para seu consolo, supuseram que os belos cavalos não deveriam estar longe. Assim que confirmaram sua suspeita e receberam a informação de que Nettchen estava hospedada ali, mandaram desatrelar os cavalos e imediatamente adentraram O Arco-íris.

Demorou algum tempo, no entanto, até que Nettchen chamasse seu pai para visitá-la em seu quarto para uma conversa a sós. Dizia-se, além disso, que ela já tinha mandado chamar o melhor advogado da cidade, o qual deveria chegar ao longo da manhã. O conselheiro subiu as escadas até o quarto de sua filha com o coração pesado, imaginando qual seria o melhor modo de resgatar a pobre criança de seu descaminho, deixando-se tomar pelo desespero.

Nettchen o recebeu com calma e suave firmeza. Ela agradeceu ao pai, comovida, todo o amor e bondade que ele lhe demonstrava. Em seguida, declarou com frases decididas: em primeiro lugar, que por conta do ocorrido ela não gostaria de seguir vivendo em Goldach, ao menos pelos próximos anos; em segundo, que desejava receber a significativa herança materna, a qual seu pai há muito já mantinha preparada para quando ela viesse a se casar; em terceiro, que se casaria com Wenzel Strapinski, decisão que não mudaria sob nenhuma circunstância; em quarto, que viveria com ele em Seldvila, onde iria ajudá-lo a fundar um bom negócio; em quinto, e

por fim, que tudo ficaria bem, pois ela estava convencida de que ele era um bom homem e que a faria feliz.

O conselheiro começou seu trabalho lembrando que Nettchen certamente sabia o quanto Strapinski desejava colocar aquelas posses, que eram dela, o mais breve possível em suas mãos, para que servissem de alicerce à sua verdadeira felicidade. Em seguida, ele descreveu, com toda a preocupação em que se encontrava desde que recebeu a primeira notícia acerca da terrível catástrofe, a impossibilidade das relações que ela gostaria de estabelecer. Finalmente indicou o principal e único meio através do qual se poderia resolver dignamente aquele conflito. Esse meio seria o senhor Melchior Böhni, que estaria pronto para dar cabo àquele assunto por intervenção pessoal imediata, e, com seu nome imaculado, proteger e manter a honra da moça diante de todo o mundo.

A palavra “honra” causou grande agitação na moça. Ela exclamou que a honra que ela exigia seria precisamente não se casar com o senhor Böhni, já que não o suportava, mantendo-se, em contrapartida, fiel ao pobre estrangeiro, ao qual havia dado sua palavra, e a quem certamente poderia suportar!

Houve então uma troca infrutífera de palavras, finalmente interrompida pelo derramar de lágrimas da firme donzela.

Quase ao mesmo tempo, Wenzel e Böhni se acotovelaram porta adentro depois de terem se encontrado nas escadas,

e uma grande confusão teria emergido daí, não fosse a chegada também do advogado, um conhecido de longa data do conselheiro, que lhes exortou a manter, por ora, uma pacífica moderação. Quando ele percebeu, a partir de algumas breves palavras, do que se tratava, ordenou que Wenzel antes de mais nada regressasse para O Selvagem e ali se mantivesse, também que o senhor Böhni não se envolvesse e fosse embora, que Nettchen, por sua vez, guardasse todas as formas de bom tom social até a resolução daquele assunto, e que o pai evitasse exercer qualquer tipo de pressão, uma vez que a liberdade da filha era incontestavelmente garantida pela lei.

Houve então uma trégua e todos se separaram por algumas horas.

Um grande alarido surgiu na cidade depois que o advogado deixou escapar algumas palavras acerca de uma grande fortuna que talvez chegasse a Seldvila em decorrência dessa história. A disposição dos seldvilenses se inverteu repentinamente a favor do alfaiate e sua noiva. Eles decidiram defender os amantes com suas posses e seu sangue e defender o direito e a liberdade individual em sua cidade. Quando, em seguida, correu o boato de que a bela moça seria reconduzida à força para Goldach, eles se ajuntaram, colocaram guardiões da paz e da honra diante d'O Arco-íris e d'O Selvagem e iniciaram,

com imenso regozijo, uma de suas maiores aventuras, em um estranho desenvolvimento dos eventos do dia anterior.

O conselheiro, agitado e assustado, enviou seu amigo Böhni a Goldach atrás de ajuda. Ele seguiu a galope e, no dia seguinte, ocorreu de lá um grande número de homens com uma considerável força policial em apoio ao conselheiro, o que conferiu a Seldvila a aparência de uma nova Troia⁶. As partes se encaravam ameaçadoramente; o tambor militar da cidade já era afinado e já se ouviam algumas batidas. Então chegaram ao local as principais autoridades, espirituais e civis, e todas as partes se ocuparam das negociações. Como Nettchen se mantinha firme e Wenzel, encorajado pelos seldvilenses, não se deixou intimidar, foi decidido que o edital de proclamas⁷ do casamento dos dois seria publicado depois de reunidos todos os documentos necessários e que seria preciso aguardar se seriam levantadas objeções legais durante esse processo, quais seriam elas e com quais consequências.

6 Cidade sitiada que teve sua história imortalizada pela obra *Iliada*, atribuída ao poeta grego Homero e escrita por volta do século 8 a.C. Na *Iliada*, Homero narra o período final do cerco de dez anos empreendido pelos gregos à cidade de Tróia, na Ásia Menor, por volta do século 12 a.C.

7 Documento emitido pelo cartório quando os noivos dão entrada na habilitação para o casamento.

A despeito da maioria de Nettchen, tais objeções ainda podiam ser levantadas unicamente em razão das dúvidas quanto à pessoa do falso conde Wenzel Strapinski.

O advogado, que agora defendia o caso dele e de Nettchen, averiguou que a reputação do jovem estrangeiro, tanto em sua pátria quanto durante suas viagens, não tinha absolutamente nenhuma mancha. De toda parte chegavam a seu respeito apenas testemunhos bons e benevolentes.

No que dizia respeito aos eventos em Goldach, o advogado comprovou que, na verdade, Wenzel jamais se passou por um conde, já que tal título lhe fora imposto por outrem; que, em todos os documentos disponíveis como evidência, ele assinou com seu verdadeiro nome, Wenzel Strapinski, sem apor nenhum título e, desse modo, não havia incorrido em nenhuma ofensa, a não ser o de ter gozado de um tolo círculo de amizades, o que não teria ocorrido caso não tivesse chegado naquele coche e o cocheiro não tivesse feito aquele mau gracejo.

Assim, a guerra terminou com um casamento, no qual os seldvilenses fizeram uma estrondosa salva de canhões — conhecidos como “cabecinhas de gatos” —, para desgraça dos goldachianos, que podiam ouvir muito bem a saraivada de tiros, uma vez que os ventos sopravam para o oeste. O conselheiro concedeu a Nettchen todos os bens que cabiam e ela disse que Wenzel precisaria agora se tornar um *mar-*

chand-tailleur, um senhor de tecidos em Seldvila — pois ali um comerciante de tecidos se chamava ainda “senhor de tecidos”, o comerciante de metais, “senhor de metais” etc.

Isso também ocorreu, embora de um modo bastante diferente do que os seldvilenses tinham sonhado. Ele era modesto, poupador e diligente em seus negócios, aos quais soube conferir grande amplitude. Confeccionava seus coletes de veludo violeta ou quadriculados de branco e azul, seus fraques de baile com botões dourados, adornava de vermelho seus sobretudos, e todos se endividavam junto a ele, mas nunca por muito tempo. Pois para adquirir os novos e ainda mais belos produtos que ele encomendava ou produzia, era preciso pagar pelos antigos, de modo que, entre si, eles reclamavam que ele lhes sugava o sangue.

Com isso, engordou e ficou imponente e quase não parecia mais um sonhador; a cada ano ele se tornava mais habilidoso e versado nos negócios e, em parceria com seu sogro, o conselheiro, com quem logo se reconciliou, aprendeu a fazer tão boas especulações que chegou a duplicar seu patrimônio. Depois de dez ou doze anos ele tinha quase esse número de filhos, os quais Nettchen, agora Strapinski, deu à luz; com ela, ele se mudou para Goldach e ali se tornou um homem respeitável.

Em Seldvila ele não deixou um centavo, seja por ingratidão ou por vingança.





Kleider machen Leute

Gottfried Keller

An einem unfreundlichen Novembertage wanderte ein armes Schneiderlein auf der Landstraße nach Goldach, einer kleinen reichen Stadt, die nur wenige Stunden von Seldwyla entfernt ist. Der Schneider trug in seiner Tasche nichts als einen Fingerhut, welchen er, in Ermangelung irgendeiner Münze, unablässig zwischen den Fingern drehte, wenn er der Kälte wegen die Hände in die Hosen steckte, und die Finger schmerzten ihm ordentlich von diesem Drehen und Reiben. Denn er hatte wegen des Fallimentes irgendeines Seldwyler Schneidermeisters seinen Arbeitslohn mit der Arbeit zugleich verlieren und auswandern müssen. Er hatte noch nichts gefrühstückt als einige Schneeflocken, die ihm in den Mund geflogen, und er sah noch weniger ab, wo das geringste Mittagbrot herwachsen sollte. Das Fechten fiel ihm äußerst schwer, ja schien ihm gänzlich unmöglich, weil er über seinem schwarzen Sonntagskleide, welches sein einziges war, einen weiten dunkelgrauen Radmantel trug, mit schwarzem Sammet ausgeschlagen, der seinem Träger ein edles und

romantisches Aussehen verlieh, zumal dessen lange schwarze Haare und Schnurrbärtchen sorgfältig gepflegt waren und er sich blasser, aber regelmäßiger Gesichtszüge erfreute.

Solcher Habitus war ihm zum Bedürfnis geworden, ohne daß er etwas Schlimmes oder Betrügerisches dabei im Schilde führte; vielmehr war er zufrieden, wenn man ihn nur gewähren und im stillen seine Arbeit verrichten ließ; aber lieber wäre er verhungert, als daß er sich von seinem Radmantel und von seiner polnischen Pelzmütze getrennt hätte, die er ebenfalls mit großem Anstand zu tragen wußte.

Er konnte deshalb nur in größeren Städten arbeiten, wo solches nicht zu sehr auffiel; wenn er wanderte und keine Ersparnisse mitführte, geriet er in die größte Not. Näherte er sich einem Hause, so betrachteten ihn die Leute mit Verwunderung und Neugierde und erwarteten eher alles andere, als daß er Betteln würde; so erstarben ihm, da er überdies nicht beredt war, die Worte im Munde, also daß er der Märtyrer seines Mantels war und Hunger litt, so schwarz wie des letzteren Sammetfutter.

Als er bekümmert und geschwächt eine Anhöhe hinaufging, stieß er auf einen neuen und bequemen Reisewagen, welchen ein herrschaftlicher Kutscher in Basel abgeholt hatte und seinem Herrn überbrachte, einem fremden Grafen, der irgendwo in der Ostschweiz auf einem

gemieteten oder angekauften alten Schlosse saß. Der Wagen war mit allerlei Vorrichtungen zur Aufnahme des Gepäcks versehen und schien deswegen schwer bepackt zu sein, obgleich alles leer war. Der Kutscher ging wegen des steilen Weges neben den Pferden, und als er, oben angekommen, den Bock wieder bestieg, fragte er den Schneider, ob er sich nicht in den leeren Wagen setzen wolle. Denn es fing eben an zu regnen, und er hatte mit einem Blicke gesehen, daß der Fußgänger sich matt und kümmerlich durch die Welt schlug.

Derselbe nahm das Anerbieten dankbar und bescheiden an, worauf der Wagen rasch mit ihm von dannen rollte und in einer kleinen Stunde stattlich und donnernd durch den Torbogen von Goldach fuhr. Vor dem ersten Gasthofs, ›Zur Waage‹ genannt, hielt das vornehme Fuhrwerk plötzlich, und alsogleich zog der Hausknecht so heftig an der Glocke, daß der Draht beinahe entzweigte. Da stürzten Wirt und Leute herunter und rissen den Schlag auf; Kinder und Nachbarn umringten schon den prächtigen Wagen, neugierig, welche ein Kern sich aus so unerhörter Schale enthüllen werde; und als der verdutzte Schneider endlich hervorsprang in seinem Mantel, blaß und schön und schwermütig zur Erde blickend, schien er ihnen wenigstens ein geheimnisvoller Prinz oder Grafensohn zu sein. Der Raum zwischen dem Reisewagen und der

Pforte des Gasthauses war schmal und im übrigen der Weg durch die Zuschauer ziemlich gesperrt. Mochte es nun der Mangel an Geistesgegenwart oder an Mut sein, den Haufen zu durchbrechen und einfach seines Weges zu gehen - er tat dieses nicht, sondern ließ sich willenslos in das Haus und die Treppe hinangeleiten und bemerkte seine neue seltsame Lage erst recht, als er sich in einen wohnlichen Speisesaal versetzt sah und ihm sein ehrwürdiger Mantel dienstfertig abgenommen wurde.

»Der Herr wünscht zu speisen?« hieß es. »Gleich wird serviert werden, es ist eben gekocht!«

Ohne eine Antwort abzuwarten, lief der Waagwirt in die Küche und rief: »In's drei Teufels Namen! Nun haben wir nichts als Rindfleisch und die Hammelkeule! Die Rebhuhnpastete darf ich nicht anschneiden, da sie für die Abendherren bestimmt und versprochen ist. So geht es! Den einzigen Tag, wo wir keinen Gast erwarten und nichts da ist, muß ein solcher Herr kommen! Und der Kutscher hat ein Wappen auf den Knöpfen, und der Wagen ist wie der eines Herzogs! Und der junge Mann mag kaum den Mund öffnen vor Vornehmheit!«

Doch die ruhige Köchin sagte. »Nun, was ist denn da zu lamentieren, Herr? Die Pastete tragen Sie nur kühn auf, die wird er doch nicht aufessen! Die Abendherren bekommen

sie dann portionenweise; sechs Portionen wollen wir schon noch herauskriegen!«

»Sechs Portionen? Ihr vergeßt wohl, daß die Herren sich sattzuessen gewohnt sind!« meinte der Wirt, allein die Köchin fuhr unerschüttert fort: »Das sollen sie auch! Man läßt noch schnell ein halbes Dutzend Kotelettes holen, die brauchen wir sowieso für den Fremden, und was er übrigläßt, schneide ich in kleine Stückchen und menge sie unter die Pastete, da lassen Sie nur mich machen!«

Doch der wackere Wirt sagte ernsthaft: »Köchin, ich habe Euch schon einmal gesagt, daß dergleichen in dieser Stadt und in diesem Hause nicht angeht! Wir leben hier solid und ehrenfest und vermögen es!«

»Ei der Tausend, ja, ja!« rief die Köchin endlich etwas aufgeregt. »Wenn man sich denn nicht zu helfen weiß, so opfere man die Sache! Hier sind zwei Schnepfen, die ich den Augenblick vom Jäger gekauft habe, die kann man am Ende der Pastete zusetzen! Eine mit Schnepfen gefälschte Rebhuhnpastete werden die Leckermäuler nicht beanstanden! Sodann sind auch die Forellen da, die größte habe ich in das siedende Wasser geworfen, wie der merkwürdige Wagen kam, und da kocht auch schon die Brühe im Pfännchen; so haben wir also einen Fisch, das Rindfleisch, das Gemüse mit den Kotelettes, den Hammelbraten und die Pastete; geben

Sie nur den Schlüssel, daß man das Eingemachte und das Dessert herausnehmen kann! Und den Schlüssel könnten Sie, Herr, mir mit Ehren und Zutrauen übergeben, damit man Ihnen nicht allerorten nachspringen muß und oft in die größte Verlegenheit gerät!«

»Liebe Köchin, das braucht Ihr nicht übelzunehmen! Ich habe meiner seligen Frau am Todbette versprechen müssen, die Schlüssel immer in Händen zu behalten; sonach geschieht es grundsätzlich und nicht aus Mißtrauen. Hier sind die Gurken und hier die Kirschen, hier die Birnen und hier die Aprikosen; aber das alte Konfekt darf man nicht mehr aufstellen; geschwind soll die Liese zum Zuckerbeck laufen und frisches Backwerk holen, drei Teller, und wenn er eine gute Torte hat, soll er sie auch gleich mitgeben!«

»Aber Herr! Sie können ja dem einzigen Gaste das nicht alles aufrechnen, das schlägt's beim besten Willen nicht heraus!«

»Tut nichts, es ist um die Ehre! Das bringt mich nicht um; dafür soll ein großer Herr, wenn er durch unsere Stadt reist, sagen können, er habe ein ordentliches Essen gefunden, obgleich er ganz unerwartet und im Winter gekommen sei! Es soll nicht heißen wie von den Wirten zu Seldwyl, die alles Gute selber fressen und den Fremden die Knochen vorsetzen! Also frisch, munter, sputet Euch allerseits!«

Während dieser umständlichen Zubereitungen befand sich der Schneider in der peinlichsten Angst, da der Tisch mit glänzendem Zeuge gedeckt wurde, und so heiß sich der ausgehungerte Mann vor kurzem noch nach einiger Nahrung gesehnt hatte, so ängstlich wünschte er jetzt, der drohenden Mahlzeit zu entfliehen. Endlich faßte er sich einen Mut, nahm seinen Mantel um, setzte die Mütze auf und begab sich hinaus, um den Ausweg zu gewinnen. Da er aber in seiner Verwirrung und in dem weitläufigen Hause die Treppe nicht gleich fand, so glaubte der Kellner, den der Teufel beständig umhertrieb, jener suche eine gewisse Bequemlichkeit, rief: »Erlauben Sie gefälligst, mein Herr, ich werde Ihnen den Weg weisen!« und führte ihn durch einen langen Gang, der nirgend anders endigte als vor einer schön lackierten Türe, auf welcher eine zierliche Inschrift angebracht war.

Also ging der Mantelträger ohne Widerspruch, sanft wie ein Lämmlein, dort hinein und schloß ordentlich hinter sich zu. Dort lehnte er sich bitterlich seufzend an die Wand und wünschte der goldenen Freiheit der Landstraße wieder teilhaftig zu sein, welche ihm jetzt, so schlecht das Wetter war, als das höchste Glück erschien.

Doch verwickelte er sich jetzt in die erste selbsttätige Lüge, weil er in dem verschlossenen Raume ein wenig verweilte, und er betrat hiermit den abschüssigen Weg des Bösen.

Unterdessen schrie der Wirt, der ihn gesehen hatte im Mantel dahin gehen: »Der Herr friert! Heizet mehr ein im Saal! Wo ist die Liese, wo ist die Anne? Rasch einen Korb Holz in den Ofen und einige Hände voll Späne, daß es brennt! Zum Teufel, sollen die Leute in der ›Waage‹ im Mantel zu Tisch sitzen?«

Und als der Schneider wieder aus dem langen Gange hervorgewandelt kam, melancholisch wie der umgehende Ahnherr eines Stammschlusses, begleitete er ihn mit hundert Komplimenten und Handreibungen wiederum in den verwünschten Saal hinein. Dort wurde er ohne ferneres Verweilen an den Tisch gebeten, der Stuhl zurechtgerückt, und da der Duft der kräftigen Suppe, dergleichen er lange nicht gerochen, ihn vollends seines Willens beraubte, so ließ er sich in Gottes Namen nieder und tauchte sofort den schweren Löffel in die braungoldene Brühe. In tiefem Schweigen erfrischte er seine matten Lebensgeister und wurde mit achtungsvoller Stille und Ruhe bedient.

Als er den Teller geleert hatte und der Wirt sah, daß es ihm so wohl schmeckte, munterte er ihn höflich auf, noch einen Löffel voll zu nehmen, das sei gut bei dem rauhen Wetter.

Nun wurde die Forelle aufgetragen, mit Grünem bekränzt, und der Wirt legte ein schönes Stück vor. Doch der Schneider, von Sorgen gequält, wagte in seiner

Blödigkeit nicht, das blanke Messer zu brauchen, sondern hantierte schüchtern und zimperlich mit der silbernen Gabel daran herum. Das bemerkte die Köchin, welche zur Türe hereinguckte, den großen Herrn zu sehen, und sie sagte zu den Umstehenden: »Gelobt sei Jesus Christ! Der weiß noch einen feinen Fisch zu essen, wie es sich gehört, der sägt nicht mit dem Messer in dem zarten Wesen herum, wie wenn er ein Kalb schlachten wollte. Das ist ein Herr von großem Hause, darauf wollt' ich schwören, wenn es nicht verboten wäre! Und wie schön und traurig er ist! Gewiß ist er in ein armes Fräulein verliebt, das man ihm nicht lassen will! Ja, ja, die vornehmen Leute haben auch ihre Leiden!«

Inzwischen sah der Wirt, daß der Gast nicht trank, und sagte ehrerbietig: »Der Herr mögen den Tischwein nicht; befehlen Sie vielleicht ein Glas guten Bordeaux, den ich bestens empfehlen kann?«

Da beging der Schneider den zweiten selbsttätigen Fehler, indem er aus Gehorsam ja statt nein sagte, und alsobald verfügte sich der Waagwirt persönlich in den Keller, um eine ausgesuchte Flasche zu holen; denn es lag ihm alles daran, daß man sagen könne, es sei etwas Rechtes im Ort zu haben. Als der Gast von dem eingeschenkten Weine wiederum aus bösem Gewissen ganz kleine Schlücklein nahm, lief der Wirt voll Freuden in die Küche, schnalzte mit

der Zunge und rief: »Hol' mich der Teufel, der versteht's, der schlürft meinen guten Wein auf die Zunge, wie man einen Dukaten auf die Goldwaage legt!«

»Gelobt sei Jesus Christ!« sagte die Köchin. »Ich hab's ja behauptet, daß er's versteht!«

So nahm die Mahlzeit denn ihren Verlauf, und zwar sehr langsam, weil der arme Schneider immer zimperlich und unentschlossen aß und trank und der Wirt, um ihm Zeit zu lassen, die Speisen genugsam stehenließ. Trotzdem war es nicht der Rede wert, was der Gast bis jetzt zu sich genommen; vielmehr begann der Hunger, der immerfort so gefährlich gereizt wurde, nun den Schrecken zu überwinden, und als die Pastete von Rebhühnern erschien, schlug die Stimmung des Schneiders gleichzeitig um, und ein fester Gedanke begann sich in ihm zu bilden. »Es ist jetzt einmal, wie es ist!« sagte er sich, von einem neuen Tröpflein Weines erwärmt und aufgestachelt. »Nun wäre ich ein Tor, wenn ich die kommende Schande und Verfolgung ertragen wollte, ohne mich dafür sattgeessen zu haben! Also vorgesehen, weil es noch Zeit ist! Das Türmchen, das sie da aufgestellt haben, dürfte leichthin die letzte Speise sein; daran will ich mich halten, komme, was da wolle! Was ich einmal im Leibe habe, kann mir kein König wieder rauben!«

Gesagt, getan; mit dem Mute der Verzweiflung hieb er in die leckere Pastete, ohne an ein Aufhören zu denken, so daß sie in weniger als fünf Minuten zur Hälfte geschwunden war und die Sache für die Abendherren sehr bedenklich zu werden begann. Fleisch, Trüffeln, Klößchen, Boden, Deckel, alles schlang er ohne Ansehen der Person hinunter, nur besorgt, sein Ränzchen vollzupacken, ehe das Verhängnis hereinbräche; dazu trank er den Wein in tüchtigen Zügen und steckte große Brotbissen in den Mund; kurz, es war eine so hastig belebte Einfuhr, wie wenn bei aufsteigendem Gewitter das Heu von der nahen Wiese gleich auf der Gabel in die Scheune geflüchtet wird. Abermals lief der Wirt in die Küche und rief: »Köchin! Er ißt die Pastete auf, während er den Braten kaum berührt hat! Und den Bordeaux trinkt er in halben Gläsern!«

»Wohl bekomm' es ihm«, sagte die Köchin, »lassen Sie ihn nur machen, der weiß, was Rebhühner sind! Wär' er ein gemeiner Kerl, so hätte er sich an den Braten gehalten!«

»Ich sag's auch«, meinte der Wirt; »es sieht sich zwar nicht ganz elegant an, aber so hab' ich, als ich zu meiner Ausbildung reiste, nur Generäle und Kapitelsherren essen sehen!«

Unterdessen hatte der Kutscher die Pferde füttern lassen und selbst ein handfestes Essen eingenommen in der Stube

für das untere Volk, und da er Eile hatte, ließ er bald wieder anspannen. Die Angehörigen des Gasthofes ›Zur Waage‹ konnten sich nun nicht länger enthalten und fragten, eh es zu spät wurde, den herrschaftlichen Kutscher geradezu, wer sein Herr da oben sei und wie er heiße. Der Kutscher, ein schalkhafter und durchtriebener Kerl, versetzte: »Hat er es noch nicht selbst gesagt?«

»Nein« hieß es, und er erwiderte: »Das glaub' ich wohl, der spricht nicht viel in einem Tage; nun, es ist der Graf Strapinski! Er wird aber heut und vielleicht einige Tage hierbleiben, denn er hat mir befohlen, mit dem Wagen vorauszufahren.«

Er machte diesen schlechten Spaß, um sich an dem Schneiderlein zu rächen, das, wie er glaubte, statt ihm für seine Gefälligkeit ein Wort des Dankes und des Abschiedes zu sagen, sich ohne Umsehen in das Haus begeben hatte und den Herrn spielte. Seine Eulenspiegelerei aufs äußerste treibend, bestieg er auch den Wagen, ohne nach der Zeche für sich und die Pferde zu fragen, schwang die Peitsche und fuhr aus der Stadt, und alles ward so in der Ordnung befunden und dem guten Schneider aufs Kerbholz gebracht.

Nun mußte es sich aber fügen, daß dieser, ein geborener Schlesier, wirklich Strapinski hieß, Wenzel Strapinski; mochte es nun ein Zufall sein oder mochte der Schneider sein

Wanderbuch im Wagen hervorgezogen, es dort vergessen und der Kutscher es zu sich genommen haben. Genug, als der Wirt freudestrahlend und händereibend vor ihn hintrat und fragte, ob der Herr Graf Strapinski zum Nachtschisch ein Glas alten Tokaier oder ein Glas Champagner nehme, und ihm meldete, daß die Zimmer soeben zubereitet würden, da erblaßte der arme Strapinski, verwirrt sich von neuem und erwiderte gar nichts.

»Höchst interessant!« brummte der Wirt für sich, indem er abermals in den Keller eilte und aus besonderem Verschlage nicht nur ein Fläschchen Tokaier, sondern auch ein Krügelchen Bocksbeutel holte und eine Champagnerflasche schlechthin unter den Arm nahm. Bald sah Strapinski einen kleinen Wald von Gläsern vor sich, aus welchem der Champagnerkelch wie eine Pappel emporragte. Das glänzte, klingelte und duftete gar seltsam vor ihm, und was noch seltsamer war, der arme, aber zierliche Mann griff nicht ungeschickt in das Wäldchen hinein und goß, als er sah, daß der Wirt etwas Rotwein in seinen Champagner tat, einige Tropfen Tokaier in den seinigen. Inzwischen waren der Stadtschreiber und der Notar gekommen, um den Kaffee zu trinken und das tägliche Spielchen um denselben zu machen; bald kam auch der ältere Sohn des Hauses Häberlin und Cie., der jüngere des Hauses Pütschli-Nievergelt, der Buchhalter

einer großen Spinnerei, Herr Melcher Böhni; allein statt ihre Partie zu spielen, gingen sämtliche Herren in weitem Bogen hinter dem polnischen Grafen herum, die Hände in den hintern Rocktaschen, mit den Augen blinzeln und auf den Stockzähnen lächelnd. Denn es waren diejenigen Mitglieder guter Häuser, welche ihr Leben lang zu Hause blieben, deren Verwandte und Genossen aber in aller Welt saßen, weswegen sie selbst die Welt sattsam zu kennen glaubten.

Also das sollte ein polnischer Graf sein? Den Wagen hatten sie freilich von ihrem Kontorstuhl aus gesehen; auch wußte man nicht, ob der Wirt den Grafen oder dieser jenen bewirte; doch hatte der Wirt bis jetzt noch keine dummen Streiche gemacht; er war vielmehr als ein ziemlich schlauer Kopf bekannt, und so wurden denn die Kreise, welche die neugierigen Herren um den Fremden zogen, immer kleiner, bis sie sich zuletzt vertraulich an den gleichen Tisch setzten und sich auf gewandte Weise zu dem Gelage aus dem Stegreif einluden, indem sie ohne weiteres um eine Flasche zu würfeln begannen.

Doch tranken sie nicht zuviel, da es noch früh war; dagegen galt es, einen Schluck trefflichen Kaffee zu nehmen und dem Polacken, wie sie den Schneider bereits heimlich nannten, mit gutem Rauchzeug aufzuwerten, damit er immer mehr röche, wo er eigentlich wäre.

»Darf ich dem Herrn Grafen eine ordentliche Zigarre anbieten? Ich habe sie von meinem Bruder auf Kuba direkt bekommen!« sagte der eine.

»Die Herren Polen lieben auch eine gute Zigarette, hier ist echter Tabak aus Smyrna, mein Kompagnon hat ihn gesendet«, rief der andere, indem er ein rotseidenes Beutelchen hinschob.

»Dieser aus Damaskus ist feiner, Herr Graf«, rief der dritte, »unser dortiger Prokurist selbst hat ihn für mich besorgt!«

Der vierte streckte einen ungefügigen Zigarrenbengel dar, indem er schrie: »Wenn Sie etwas ganz Ausgezeichnetes wollen, so versuchen Sie diese Pflanzergigarre aus Virginien, selbstgezogen, selbstgemacht und durchaus nicht käuflich!«

Strapinski lächelte sauersüß, sagte nichts und war bald in feine Duftwolken gehüllt, welche von der hervorbrechenden Sonne lieblich versilbert wurden. Der Himmel entwölkte sich in weniger als einer Viertelstunde, der schönste Herbstnachmittag trat ein; es hieß, der Genuß der günstigen Stunde sei sich zu gönnen, da das Jahr vielleicht nicht viele solcher Tage mehr brächte; und es wurde beschlossen, auszufahren, den fröhlichen Amtsrat auf seinem Gute zu besuchen, der erst vor wenigen Tagen gekeltert hatte, und seinen neuen Wein, den roten Sauser, zu kosten. Pütschli-

Nievergelt, Sohn, sandte nach seinem Jagdwagen, und bald schlugen seine jungen Eisenschimmel das Pflaster vor der ›Waage‹. Der Wirt selbst ließ ebenfalls anspannen, man lud den Grafen zuvorkommend ein, sich anzuschließen und die Gegend etwas kennenzulernen.

Der Wein hatte seinen Witz erwärmt; er überdachte schnell, daß er bei dieser Gelegenheit am besten sich unbemerkt entfernen und seine Wanderung fortsetzen könne; den Schaden sollten die törichten und zudringlichen Herren an sich selbst behalten. Er nahm daher die Einladung mit einigen höflichen Worten an und bestieg mit dem jungen Pütschli den Jagdwagen.

Nun war es eine weitere Fügung, daß der Schneider, nachdem er auf seinem Dorfe schon als junger Bursch dem Gutsherrn zuweilen Dienste geleistet, seine Militärzeit bei den Husaren abgedient hatte und demnach genugsam mit Pferden umzugehen verstand. Wie daher sein Gefährte höflich fragte, ob er vielleicht fahren möge, ergriff er sofort Zügel und Peitsche und fuhr in schulgerechter Haltung, in raschem Trabe durch das Tor und auf der Landstraße dahin, so daß die Herren einander ansahen und flüsterten: »Es ist richtig, es ist jedenfalls ein Herr!«

In einer halben Stunde war das Gut des Amtrates erreicht. Strapinski fuhr in einem prächtigen Halbbogen

auf und ließ die feurigen Pferde aufs beste anprallen; man sprang von den Wagen, der Amtsrat kam herbei und führte die Gesellschaft ins Haus, und alsbald war auch der Tisch mit einem halben Dutzend Karaffen voll karneolfarbigem Sausers besetzt. Das heiße, gärende Getränk wurde vorerst geprüft, belobt und sodann fröhlich in Angriff genommen, während der Hausherr im Hause die Kunde herumtrug, es sei ein vornehmer Graf da, ein Polacke, und eine feinere Bewirtung vorbereitete.

Mittlerweile teilte sich die Gesellschaft in zwei Partien, um das versäumte Spiel nachzuholen, da in diesem Lande keine Männer zusammen sein konnten, ohne zu spielen, wahrscheinlich aus angebotenenem Tätigkeitstrieb. Strapinski, welcher die Teilnahme aus verschiedenen Gründen ablehnen mußte, wurde eingeladen zuzusehen, denn das schien ihnen immerhin der Mühe wert, da sie so viel Klugheit und Geistesgegenwart bei den Karten zu entwickeln pflegten. Er mußte sich zwischen beide Partien setzen, und sie legten es nun darauf an, geistreich und gewandt zu spielen und den Gast zu gleicher Zeit zu unterhalten. So saß er denn wie ein kränkelder Fürst, vor welchem die Hofleute ein angenehmes Schauspiel aufführen und den Lauf der Welt darstellen. Sie erklärten ihm die bedeutendsten Wendungen, Handstreichs und Ereignisse, und wenn die eine Partei für

einen Augenblick ihre Aufmerksamkeit ausschließlich dem Spiele zuwenden mußte, so führte die andere dafür um so angelegentlicher die Unterhaltung mit dem Schneider. Der beste Gegenstand dünkte sie hierfür Pferde, Jagd und dergleichen; Strapinski wußte hier auch am besten Bescheid, denn er brauchte nur die Redensarten hervorzuholen, welche er einst in der Nähe von Offizieren und Gutsherren gehört und die ihm schon dazumal ausnehmend wohl gefallen hatten. Wenn er diese Redensarten auch nur sparsam, mit einer gewissen Bescheidenheit und stets mit einem schwermütigen Lächeln vorbrachte, so erreichte er damit nur eine größere Wirkung; wenn zwei oder drei von den Herren aufstanden und etwa zur Seite traten, so sagten sie: »Es ist ein vollkommener Junker!«

Nur Melcher Böhni, der Buchhalter, als ein geborener Zweifler, rieb sich vergnügt die Hände und sagte zu sich selbst: »Ich sehe es kommen, daß es wieder einen Goldacher Putsch gibt, ja, er ist gewissermaßen schon da! Es war aber auch Zeit, denn schon sind's zwei Jahre seit dem letzten! Der Mann dort hat mir so wunderlich zerstoebene Finger, vielleicht von Praga oder Ostrolenka her! Nun, ich werde mich hüten, den Verlauf zu stören!« Die beiden Partien waren nun zu Ende, auch das Sausergelüste der Herren gebüßt, und sie zogen nun vor, sich an den alten Weinen des Amtsrats ein

wenig abzukühlen, die jetzt gebracht wurden; doch war die Abkühlung etwas leidenschaftlicher Natur, indem sofort, um nicht in schnöden Müßiggang zu verfallen, ein allgemeines Hasardspiel vorgeschlagen wurde. Man mischte die Karten, jeder warf einen Brabanter Taler hin, und als die Reihe an Strapinski war, konnte er nicht wohl seinen Fingerhut auf den Tisch setzen. »Ich habe nicht ein solches Geldstück«, sagte er errötend; aber schon hatte Melcher Böhni, der ihn beobachtet, für ihn eingesetzt, ohne daß jemand darauf achtgab; denn alle waren viel zu behaglich, als daß sie auf den Argwohn geraten wären, jemand in der Welt könne kein Geld haben. Im nächsten Augenblicke wurde dem Schneider, der gewonnen hatte, der ganze Einsatz zugeschoben; verwirrt ließ er das Geld liegen, und Böhni besorgte für ihn das zweite Spiel, welches ein anderer gewann, sowie das dritte. Doch das vierte und fünfte gewann wiederum der Polacke, der allmählich aufwachte und sich in die Sache fand. Indem er sich still und ruhig verhielt, spielte er mit abwechselndem Glück; einmal kam er bis auf einen Taler herunter, den er setzen mußte, gewann wieder, und zuletzt, als man das Spiel satt bekam, besaß er einige Louisdors, mehr, als er jemals in seinem Leben besessen, welche er, als er sah, daß jedermann sein Geld einsteckte, ebenfalls zu sich nahm, nicht ohne Furcht, daß alles ein Traum sei. Böhni, welcher ihn

fortwährend scharf betrachtete, war jetzt fast im klaren über ihn und dachte: den Teufel fährt der in einem vierspännigen Wagen!

Weil er aber zugleich bemerkte, daß der rätselhafte Fremde keine Gier nach dem Gelde gezeigt, sich überhaupt bescheiden und nüchtern verhalten hatte, so war er nicht übel gegen ihn gesinnt, sondern beschloß, die Sache durchaus gehen zu lassen. Aber der Graf Strapinski, als man sich vor dem Abendessen im Freien erging, nahm jetzo seine Gedanken zusammen und hielt den rechten Zeitpunkt einer geräuschlosen Beurlaubung für gekommen. Er hatte ein artiges Reisegeld und nahm sich vor, dem Wirt ›Zur Waage‹ von der nächsten Stadt aus sein aufgedrungenes Mittagsmahl zu bezahlen. Also schlug er seinen Radmantel malerisch um, drückte die Pelzmütze tiefer in die Augen und schritt unter einer Reihe von hohen Akazien in der Abendsonne langsam auf und nieder, das schöne Gelände betrachtend oder vielmehr den Weg erspähend, den er einschlagen wollte. Er nahm sich mit seiner bewölkten Stirne, seinem lieblichen, aber schwermütigen Mundbärtchen, seinen glänzenden schwarzen Locken, seinen dunklen Augen, im Wehen seines faltigen Mantels vortrefflich aus; der Abendschein und das Säuseln der Bäume über ihm erhöhten den Eindruck, so daß die Gesellschaft ihn von ferne mit Aufmerksamkeit und

Wohlwollen betrachtete. Allmählich ging er immer etwas weiter vom Hause hinweg, schritt durch ein Gebüsch, hinter welchem ein Feldweg vorüberging, und als er sich vor den Blicken der Gesellschaft gedeckt sah, wollte er eben mit festen Schritten ins Feld rücken, als um eine Ecke herum plötzlich der Amtsrat mit seiner Tochter Nettchen ihm entgegentrat. Nettchen war ein hübsches Fräulein, äußerst prächtig, etwas stutzerhaft gekleidet und mit Schmuck reichlich verziert.

»Wir suchen Sie, Herr Graf«, rief der Amtsrat, »damit ich Sie erstens hier meinem Kinde vorstelle und zweitens, um Sie zu bitten, daß Sie uns die Ehre erweisen möchten, einen Bissen Abendbrot mit uns zu nehmen; die anderen Herren sind bereits im Hause.«

Der Wanderer nahm schnell seine Mütze vom Kopfe und machte ehrfurchtsvolle, ja furchtsame Verbeugungen, von Rot übergossen. Denn eine neue Wendung war eingetreten; ein Fräulein beschritt den Schauplatz der Ereignisse. Doch schadete ihm seine Blödigkeit und übergroße Ehrerbietung nichts bei der Dame; im Gegenteil, die Schüchternheit, Demut und Ehrerbietung eines so vornehmen und interessanten jungen Edelmanns erschien ihr wahrhaft rührend, ja hinreißend. Da sieht man, fuhr es ihr durch den Sinn, je nobler, desto bescheidener und unverdorben; merkt es euch, ihr Herren Wildfänge von

Goldach, die ihr vor jungen Mädchen kaum mehr den Hut berührt!

Sie grüßte den Ritter daher auf das holdseligste, indem sie auch lieblich errötete, und sprach sogleich hastig und schnell und vieles mit ihm, wie es die Art behaglicher Kleinstädterinnen ist, die sich den Fremden zeigen wollen. Strapinski hingegen wandelte sich in kurzer Zeit um; während er bisher nichts getan hatte, um im geringsten in die Rolle einzugehen, die man ihm aufbürdete, begann er nun unwillkürlich etwas gesuchter zu sprechen und mischte allerhand polnische Brocken in die Rede, kurz, das Schneiderblütchen fing in der Nähe des Frauenzimmers an, seine Sprünge zu machen und seinen Reiter davonzutragen.

Am Tisch erhielt er den Ehrenplatz neben der Tochter des Hauses; denn die Mutter war gestorben. Er wurde zwar bald wieder melancholisch, da er bedachte, nun müsse er mit den andern wieder in die Stadt zurückkehren oder gewaltsam in die Nacht hinaus entrinnen, und da er ferner überlegte, wie vergänglich das Glück sei, welches er jetzt genoß. Aber dennoch empfand er dies Glück und sagte sich zum voraus: Ach, einmal wirst du doch in deinem Leben etwas vorgestellt und neben einem solchen höheren Wesen gesessen haben.

Es war in der Tat keine Kleinigkeit, eine Hand neben sich glänzen zu sehen, die von drei oder vier Armbändern

klirrte, und bei einem flüchtigen Seitenblick jedesmal einen abenteuerlich und reizend frisierten Kopf, ein holdes Erröten, einen vollen Augenaufschlag zu sehen. Denn er mochte tun oder lassen, was er wollte, alles wurde als ungewöhnlich und nobel ausgelegt und die Ungeschicklichkeit selbst als merkwürdige Unbefangenheit liebenswürdig befunden von der jungen Dame, welche sonst stundenlang über gesellschaftliche Verstöße zu plaudern wußte. Da man guter Dinge war, sangen ein paar Gäste Lieder, die in den dreißiger Jahren Mode waren. Der Graf wurde gebeten, ein polnisches Lied zu singen. Der Wein überwand seine Schüchternheit endlich, obschon nicht seine Sorgen; er hatte einst einige Wochen im Polnischen gearbeitet und wußte einige polnische Worte, sogar ein Volksliedchen auswendig, ohne ihres Inhalts bewußt zu sein, gleich einem Papagei. Also sang er mit edlem Wesen, mehr zaghaft als laut und mit einer Stimme, welche wie von einem geheimen Kummer leise zitterte, auf polnisch:

*Hunderttausend Schweine pferchen
Von der Desna bis zur Weichsel,
Und Kathinka, dieses Saumensch,
Geht im Schmutz bis an die Knöchel!*

*Hunderttausend Ochsen brüllen
Auf Wolhyniens grünen Weiden,
Und Kathinka, ja Kathinka
Glaubt, ich sei in sie verliebt!*

»Bravo! Bravo!« riefen alle Herren, mit den Händen klatschend, und Nettchen sagte gerührt: »Ach, das Nationale ist immer so schön!« Glücklicherweise verlangte niemand die Übersetzung dieses Gesanges.

Mit dem Überschreiten solchen Höhepunktes der Unterhaltung brach die Gesellschaft auf; der Schneider wurde wieder eingepackt und sorgfältig nach Goldach zurückgebracht; vorher hatte er versprechen müssen, nicht ohne Abschied davonzureisen. Im Gasthof ›Zur Waage‹ wurde noch ein Glas Punsch genommen; jedoch Strapinski war erschöpft und verlangte nach dem Bette. Der Wirt selbst führte ihn auf seine Zimmer, deren Stattlichkeit er kaum mehr beachtete, obgleich er nur gewohnt war, in dürftigen Herbergskammern zu schlafen. Er stand ohne alle und jede Habseligkeit mitten auf einem schönen Teppich, als der Wirt plötzlich den Mangel an Gepäck entdeckte und sich vor die Stirne schlug. Dann lief er schnell hinaus, schellte, rief Kellner und Hausknechte herbei, wortwechselte mit ihnen, kam wieder und beteuerte: »Es ist richtig, Herr Graf,

man hat vergessen, Ihr Gepäck abzuladen! Auch das Notwendigste fehlt!«

»Auch das kleine Paketchen, das im Wagen lag?« fragte Strapinski ängstlich, weil er an ein handgroßes Bündelein dachte, welches er auf dem Sitze hatte liegenlassen, und das ein Schnupftuch, eine Haarbürste, einen Kamm, ein Büchsen Pomade und einen Stengel Bartwischse enthielt.

»Auch dieses fehlt, es ist gar nichts da«, sagte der gute Wirt erschrocken, weil er darunter etwas sehr Wichtiges vermutete. »Man muß dem Kutscher sogleich einen Expressen nachschicken«, rief er eifrig, »ich werde das besorgen!«

Doch der Herr Graf fiel ihm ebenso erschrocken in den Arm und sagte bewegt: »Lassen Sie, es darf nicht sein! Man muß meine Spur verlieren für einige Zeit«, setzte er hinzu, selbst betreten über diese Erfindung.

Der Wirt ging erstaunt zu den Punsch trinkenden Gästen, erzählte ihnen den Fall und schloß mit dem Ausspruche, daß der Graf unzweifelhaft ein Opfer politischer oder der Familienverfolgung sein müsse; denn um ebendiese Zeit wurden viele Polen und andere Flüchtlinge wegen gewaltsamer Unternehmungen des Landes verwiesen; andere wurden von fremden Agenten beobachtet und umgarnt.

Strapinski aber tat einen guten Schlaf, und als er spät erwachte, sah er zunächst den prächtigen Sonntagsschlafrock

des Waagwirtes über einen Stuhl gehängt, ferner ein Tischchen mit allem möglichen Toilettenwerkzeug bedeckt. Sodann harreten eine Anzahl Dienstboten, um Körbe und Koffer, angefüllt mit feiner Wäsche, mit Kleidern, mit Zigarren, mit Büchern, mit Stiefeln, mit Schuhen, mit Sporen, mit Reitpeitschen, mit Pelzen, mit Mützen, mit Hüten, mit Socken, mit Strümpfen, mit Pfeifen, mit Flöten und Geigen abzugeben von seiten der gestrigen Freunde mit der angelegentlichen Bitte, sich dieser Bequemlichkeiten einstweilen bedienen zu wollen. Da sie die Vormittagsstunden unabänderlich in ihren Geschäften verbrachten, ließen sie ihre Besuche auf die Zeit nach Tisch ansagen.

Diese Leute waren nichts weniger als lächerlich oder einfältig, sondern umsichtige Geschäftsmänner, mehr schlau als vernagelt; allein da ihre wohlbesorgte Stadt klein war und es ihnen manchmal langweilig darin vorkam, waren sie stets begierig auf eine Abwechslung, ein Ereignis, einen Vorgang, dem sie sich ohne Rückhalt hingaben. Der vierspännige Wagen, das Aussteigen des Fremden, sein Mittagessen, die Aussage des Kutschers waren so einfache und natürliche Dinge, daß die Goldacher, welche keinem müßigen Argwohn nachzuhängen pflegten, ein Ereignis darauf aufbauten wie auf einen Felsen.

Als Strapinski das Warenlager sah, das sich vor ihm ausbreitete, war seine erste Bewegung, daß er in seine Tasche

griff, um zu erfahren, ob er träume oder wache. Wenn sein Fingerhut dort noch in seiner Einsamkeit weilte, so träumte er. Aber nein, der Fingerhut wohnte traulich zwischen dem gewonnenen Spielgelde und scheuerte sich freundschaftlich an den Talern; so ergab sich auch sein Gebieter wiederum in das Ding und stieg von seinen Zimmern herunter auf die Straße, um sich die Stadt zu besehen, in welcher es ihm so wohl erging. Unter der Küchentüre stand die Köchin, welche ihm einen tiefen Knicks machte und ihm mit neuem Wohlgefallen nachsah; auf dem Flur und an der Haustüre standen andere Hausgeister, alle mit der Mütze in der Hand, und Strapinski schritt mit gutem Anstand und doch bescheiden hinaus, seinen Mantel sittsam zusammennehmend. Das Schicksal machte ihn mit jeder Minute größer.

Mit ganz anderer Miene besah er sich die Stadt, als wenn er um Arbeit darin ausgegangen wäre. Dieselbe bestand größtenteils aus schönen, festgebauten Häusern, welche alle mit steinernen oder gemalten Sinnbildern geziert und mit einem Namen versehen waren. In diesen Benennungen war die Sitte der Jahrhunderte deutlich zu erkennen. Das Mittelalter spiegelte sich ab in den ältesten Häusern oder in den Neubauten, welche an deren Stelle getreten, aber den alten Namen behalten aus der Zeit der kriegerischen Schultheiße und der Märchen. Da hieß es: zum Schwert, zum

Eisenhut, zum Harnisch, zur Armbrust, zum blauen Schild, zum Schweizerdegen, zum Ritter, zum Büchsenstein, zum Türken, zum Meerwunder, zum goldnen Drachen, zur Linde, zum Pilgerstab, zur Wasserfrau, zum Paradiesvogel, zum Granatbaum, zum Kämbel, zum Einhorn und dergleichen. Die Zeit der Aufklärung und der Philanthropie war deutlich zu lesen in den moralischen Begriffen, welche in schönen Goldbuchstaben über den Haustüren erglänzten, wie: zur Eintracht, zur Redlichkeit, zur alten Unabhängigkeit, zur neuen Unabhängigkeit, zur Bürgertugend a, zur Bürgertugend b, zum Vertrauen, zur Liebe, zur Hoffnung, zum Wiedersehen 1 und 2, zum Frohsinn, zur innern Rechtlichkeit, zur äußern Rechtlichkeit, zum Landeswohl (ein reinliches Häuschen, in welchem hinter einem Kanarienkäfig, ganz mit Kresse behängt, eine freundliche alte Frau saß mit einer weißen Zipfelhaube und Garn haspelte), zur Verfassung (unten hauste ein Böttcher, welcher eifrig und mit großem Geräusch kleine Eimer und Fäßchen mit Reifen einfaßte und unablässig klopfte); ein Haus hieß schauerlich: zum Tod, ein verwaschenes Gerippe erstreckte sich von unten bis oben zwischen den Fenstern; hier wohnte der Friedensrichter. Im Hause ›Zur Geduld‹ wohnte der Schuldenschreiber, ein ausgehungertes Jammerbild, da in dieser Stadt keiner dem andern etwas schuldig blieb.

Endlich verkündete sich an den neuesten Häusern die Poesie der Fabrikanten, Bankiere und Spediteure und ihrer Nachahmer in den wohlklingenden Namen: Rosental, Morgental, Sonnenberg, Veilchenburg, Jugendgarten, Freudenberg, Henriettental, zur Camelia, Wilhelminenburg usw. Die an Frauennamen gehängten Täler und Burgen bedeuteten für den Kundigen immer ein schönes Weibergut.

An jeder Straßenecke stand ein alter Turm mit reichem Uhrwerk, buntem Dach und zierlich vergoldeter Windfahne. Diese Türme waren sorgfältig erhalten; denn die Goldacher erfreuten sich der Vergangenheit und der Gegenwart und taten auch recht daran. Die ganze Herrlichkeit war aber von der alten Ringmauer eingefaßt, welche, obwohl nichts mehr nützte, dennoch zum Schmucke beibehalten wurde, da sie ganz mit dichtem altem Efeu überwachsen war und so die kleine Stadt mit einem immergrünen Kranze umschloß.

Alles dieses machte einen wunderbaren Eindruck auf Strapinski; er glaubte, sich in einer andern Welt zu befinden. Denn als er die Aufschriften der Häuser las, dergleichen er noch nicht gesehen, war er der Meinung, sie bezogen sich auf die besonderen Geheimnisse und Lebensweisen jedes Hauses, und es sähe hinter jeder Haustüre wirklich so aus, wie die Überschrift angab, so daß er in eine Art moralisches Utopien hineingeraten wäre. So war er geneigt zu glauben, die

wunderliche Aufnahme, welche er gefunden, hänge hiermit im Zusammenhang, so daß z. B. das Sinnbild der Waage, in welcher er wohnte, bedeute, daß dort das ungleiche Schicksal abgewogen und ausgeglichen und zuweilen ein reisender Schneider zum Grafen gemacht würde.

Er geriet auf seiner Wanderung auch vor das Tor, und wie er nun so über das freie Feld hinblickte, meldete sich zum letzten Male der pflichtgemäße Gedanke, seinen Weg unverweilt fortzusetzen. Die Sonne schien, die Straße war schön, fest, nicht zu trocken und auch nicht zu naß, zum Wandern wie gemacht. Reisegeld hatte er nun auch, so daß er angenehm einkehren konnte, wo er Lust dazu verspürte, und kein Hindernis war zu erspähen.

Da stand er nun, gleich dem Jüngling am Scheidewege, auf einer wirklichen Kreuzstraße; aus dem Lindenkranze, welcher die Stadt umgab, stiegen gastliche Rauchsäulen, die goldenen Turmknöpfe funkelten lockend aus den Baumwipfeln; Glück, Genuß und Verschuldung, ein geheimnisvolles Schicksal winkten dort, von der Feldseite her aber glänzte die freie Ferne; Arbeit, Entbehrung, Armut, Dunkelheit harrten dort, aber auch ein gutes Gewissen und ein ruhiger Wandel; dieses fühlend, wollte er denn auch entschlossen ins Feld abschwenken. Im gleichen Augenblicke rollte ein rasches Fuhrwerk heran; es war das Fräulein von

gestern, welches mit wehendem blauem Schleier ganz allein in einem schmucken leichten Fuhrwerke saß, ein schönes Pferd regierte und nach der Stadt fuhr. Sobald Strapinski nur an seine Mütze griff und dieselbe demütig vor seine Brust nahm in seiner Überraschung, verbeugte sich das Mädchen rasch errötend gegen ihn, aber überaus freundlich, und fuhr in großer Bewegung, das Pferd zum Galopp antreibend, davon.

Strapinski aber machte unwillkürlich ganze Wendung und kehrte getrost nach der Stadt zurück. Noch an demselben Tage galoppierte er auf dem besten Pferde der Stadt, an der Spitze einer ganzen Reitergesellschaft, durch die Allee, welche um die grüne Ringmauer führte, und die fallenden Blätter der Linden tanzten wie ein goldener Regen um sein verklärtes Haupt.

Nun war der Geist in ihn gefahren. Mit jedem Tage wandelte er sich, gleich einem Regenbogen, der zusehends bunter wird an der vorbrechenden Sonne. Er lernte in Stunden, in Augenblicken, was andere nicht in Jahren, da es in ihm gesteckt hatte wie das Farbenwesen im Regentropfen. Er beachtete wohl die Sitten seiner Gastfreunde und bildete sie während des Beobachtens zu einem Neuen und Fremdartigen um; besonders suchte er abzulauschen, was sie sich eigentlich unter ihm dächten und was für ein Bild sie sich von ihm

gemacht. Dies Bild arbeitete er weiter aus nach seinem eigenen Geschmacke, zur vergnüglichen Unterhaltung der einen, welche gern etwas Neues sehen wollten, und zur Bewunderung der anderen, besonders der Frauen, welche nach erbaulicher Anregung dürsteten. So ward er rasch zum Helden eines artigen Romanes, an welchem er gemeinsam mit der Stadt und liebevoll arbeitete, dessen Hauptbestandteil aber immer noch das Geheimnis war.

Bei alledem erlebte Strapinski, was er in seiner Dunkelheit früher nie gekannt, eine schlaflose Nacht um die andere, und es ist mit Tadel hervorzuheben, daß es ebensoviel die Furcht vor der Schande, als armer Schneider entdeckt zu werden und dazustehen, als das ehrliche Gewissen war, was ihm den Schlaf raubte. Sein angebotenes Bedürfnis, etwas Zierliches und Außergewöhnliches vorzustellen, wenn auch nur in der Wahl der Kleider, hatte ihn in diesen Konflikt geführt und brachte jetzt auch jene Furcht hervor, und sein Gewissen war nur insoweit mächtig, daß er beständig den Vorsatz nährte, bei guter Gelegenheit einen Grund zur Abreise zu finden und dann durch Lotteriespiel und dergleichen die Mittel zu gewinnen, aus geheimnisvoller Ferne alles zu vergüten, um was er die gastfreundlichen Goldacher gebracht hatte. Er ließ sich auch schon aus allen Städten, wo es Lotterien

oder Agenten derselben gab, Lose kommen mit mehr oder weniger bescheidenem Einsatze, und die daraus entstehende Korrespondenz, der Empfang der Briefe, wurde wiederum als ein Zeichen wichtiger Beziehungen und Verhältnisse vermerkt.

Schon hatte er mehr als einmal ein paar Gulden gewonnen und dieselben sofort wieder zum Erwerb neuer Lose verwendet, als er eines Tages von einem fremden Kollekteur, der sich aber Bankier nannte, eine namhafte Summe empfing, welche hinreichte, jenen Rettungsgedanken auszuführen. Er war bereits nicht mehr erstaunt über sein Glück, das sich von selbst zu verstehen schien, fühlte sich aber doch erleichtert und besonders dem guten Waagwirt gegenüber beruhigt, welchen er seines guten Essens wegen sehr wohl leiden mochte. Anstatt aber kurz abzubinden, seine Schulden gradaus zu bezahlen und abzureisen, gedachte er, wie er sich vorgenommen, eine kurze Geschäftsreise vorzugeben, dann aber von irgendeiner großen Stadt aus zu melden, daß das unerbittliche Schicksal ihm verbiete, je wiederzukehren; dabei wollte er seinen Verbindlichkeiten nachkommen, ein gutes Andenken hinterlassen und seinem Schneiderberufe sich aufs neue und mit mehr Umsicht und Glück widmen oder auch sonst einen anständigen Lebensweg erspähen. Am liebsten wäre er freilich auch

als Schneidermeister in Goldach geblieben und hätte jetzt die Mittel gehabt, sich da ein bescheidenes Auskommen zu begründen; allein es war klar, daß er hier nur als Graf leben konnte.

Wegen des sichtlichen Vorzuges und Wohlgefallens, dessen er sich bei jeder Gelegenheit von seiten des schönen Nettchens zu erfreuen hatte, waren schon manche Redensarten im Umlauf, und er hatte sogar bemerkt, daß das Fräulein hin und wieder die Gräfin genannt wurde. Wie konnte er diesem Wesen nun eine solche Entwicklung bereiten? Wie konnte er das Schicksal, das ihn gewaltsam so erhöht hatte, so frevelhaft Lügen strafen und sich selbst beschämen?

Er hatte von seinem Lotteriemann, genannt Bankier, einen Wechsel bekommen, welchen er bei einem Goldacher Haus einkassierte; diese Verrichtung bestärkte abermals die günstigen Meinungen über seine Person und Verhältnisse, da die soliden Handelsleute nicht im entferntesten an einen Lotterieverkehr dachten. An demselben Tage nun begab sich Strapinski auf einen stattlichen Ball, zu dem er geladen war. In tiefes, einfaches Schwarz gekleidet erschien er und verkündete sogleich den ihn Begrüßenden, daß er genötigt sei, zu verreisen.

In zehn Minuten war die Nachricht der ganzen Versammlung bekannt, und Nettchen, deren Anblick Strapinski suchte, schien, wie erstarrt, seinen Blicken auszuweichen, bald rot, bald blaß werdend. Dann tanzte sie mehrmals hintereinander mit jungen Herren, setzte sich zerstreut und schnell atmend und schlug eine Einladung des Polen, der endlich herantreten war, mit einer kurzen Verbeugung aus, ohne ihn anzusehen.

Seltsam aufgeregt und bekümmert ging er hinweg, nahm seinen famosen Mantel um und schritt mit wehenden Locken in einem Gartenwege auf und nieder. Es wurde ihm nun klar, daß er eigentlich nur dieses Wesens halber so lange dageblieben sei, daß die unbestimmte Hoffnung, doch wieder in ihre Nähe zu kommen, ihn unbewußt belebte, daß aber der ganze Handel eben eine Unmöglichkeit darstelle von der verzweifeltsten Art.

Wie er so dahinschritt, hörte er rasche Tritte hinter sich, leichte, doch unruhig bewegte. Nettchen ging an ihm vorüber und schien, nach einigen ausgerufenen Worten zu urteilen, nach ihrem Wagen zu suchen, obgleich derselbe auf der andern Seite des Hauses stand und hier nur Winterkohlköpfe und eingewickelte Rosenbäumchen den Schlaf der Gerechten verträumten. Dann kam sie wieder zurück, und da er jetzt mit klopfendem Herzen ihr im Wege

stand und bittend die Hände nach ihr ausstreckte, fiel sie ihm ohne weiteres um den Hals und fing jämmerlich an zu weinen. Er bedeckte ihre glühenden Wangen mit seinen fein duftenden dunklen Locken, und sein Mantel umschlug die schlanke, stolze, schneeweiße Gestalt des Mädchens wie mit schwarzen Adlerflügeln; es war ein wahrhaft schönes Bild, das seine Berechtigung ganz allein in sich selbst zu tragen schien.

Strapinski aber verlor in diesem Abenteuer seinen Verstand und gewann das Glück, das öfter den Unverständigen hold ist. Nettchen eröffnete ihrem Vater noch in selbiger Nacht beim Nachhausefahren, daß kein anderer als der Graf der Ihrige sein werde; dieser erschien am Morgen in aller Frühe, um bei dem Vater liebenswürdig schüchtern und melancholisch, wie immer, um sie zu werben, und der Vater hielt folgende Rede:

»So hat sich denn das Schicksal und der Wille dieses törichten Mädchens erfüllt! Schon als Schulkind behauptete sie fortwährend, nur einen Italiener oder einen Polen, einen großen Pianisten oder einen Räuberhauptmann mit schönen Locken heiraten zu wollen, und nun haben wir die Bescherung! Alle inländischen wohlmeinenden Anträge hat sie ausgeschlagen, noch neulich mußte ich den gescheiten und tüchtigen Melchior Böhni heimschicken, der noch große

Geschäfte machen wird, und sie hat ihn noch schrecklich verhöhnt, weil er nur ein rötliches Backenbärtchen trägt und aus einem silbernen Döschen schnupft! Nun, Gott sei Dank, ist ein polnischer Graf da aus wildester Ferne! Nehmen Sie die Gans, Herr Graf, und schicken Sie mir dieselbe wieder, wenn sie in Ihrer Polackei friert und einst unglücklich wird und heult! Nun, was würde die selige Mutter für ein Entzücken genießen, wenn sie noch erlebt hätte, daß das verzogene Kind eine Gräfin geworden ist!«

Nun gab es große Bewegung; in wenig Tagen sollte rasch die Verlobung gefeiert werden; denn der Amtsrat behauptete, daß der künftige Schwiegersohn sich in seinen Geschäften und vorhabenden Reisen nicht durch Heiratssachen dürfe aufhalten lassen, sondern diese durch die Beförderung jener beschleunigen müsse.

Strapinski brachte zur Verlobung Brautgeschenke, welche ihn die Hälfte seines zeitlichen Vermögens kosteten; die andere Hälfte verwandte er zu einem Feste, das er seiner Braut geben wollte. Es war eben Fastnachtszeit und bei hellem Himmel ein verspätetes glänzendes Winterwetter. Die Landstraßen boten die prächtigste Schlittenbahn, wie sie nur selten entsteht und sich hält, und Herr von Strapinski veranstaltete darum eine Schlittenfahrt und einen Ball in dem für solche Feste beliebten stattlichen Gasthause, welches auf

einer Hochebene mit der schönsten Aussicht gelegen war, etwa zwei gute Stunden entfernt und genau in der Mitte zwischen Goldach und Seldwyla.

Um diese Zeit geschah es, daß Herr Melchior Böhni in der letzteren Stadt Geschäfte zu besorgen hatte und daher einige Tage vor dem Winterfest in einem leichten Schlitten dahinfuhr, seine beste Zigarre rauchend; und es geschah ferner, daß die Seldwyler auf den gleichen Tag wie die Goldacher auch eine Schlittenfahrt verabredeten, nach dem gleichen Orte, und zwar eine kostümierte oder Maskenfahrt.

So fuhr denn der Goldacher Schlittenzug gegen die Mittagsstunde unter Schellenklang, Posthorntönen und Peitschenknall durch die Straßen der Stadt, daß die Sinnbilder der alten Häuser erstaunt herniedersahen, und zum Tore hinaus. Im ersten Schlitten saß Strapinski mit seiner Braut, in einem polnischen Überrock von grünem Sammet, mit Schnüren besetzt und schwer mit Pelz verbrämt und gefütteret. Nettchen war ganz in weißes Pelzwerk gehüllt; blaue Schleier schützten ihr Gesicht gegen die frische Luft und gegen den Schneeglanz. Der Amtsrat war durch irgendein plötzliches Ereignis verhindert worden mitzufahren; doch war es sein Gespann und sein Schlitten, in welchem sie fuhren, ein vergoldetes Frauenbild als Schlittenzierat vor sich, die

Fortuna vorstellend; denn die Stadtwohnung des Amtrates hieß ›Zur Fortuna‹.

Ihnen folgten fünfzehn bis sechzehn Gefährte mit je einem Herrn und einer Dame, alle geputzt und lebensfroh, aber keines der Paare so schön und stattlich wie das Brautpaar. Die Schlitten trugen wie die Meerschiffe ihre Galions, immer das Sinnbild des Hauses, dem jeder angehörte, so daß das Volk rief: »Seht, da kommt die ›Tapferkeit‹! Wie schön ist die ›Tüchtigkeit‹! Die ›Verbesserlichkeit‹ scheint neu lackiert zu sein und die ›Sparsamkeit‹ frisch vergoldet! Ah, der ›Jakobsbrunnen‹ und der ›Teich Bethesda‹!« Im ›Teiche Bethesda‹, welcher als bescheidener Einspanner den Zug schloß, kutschte Melchior Böhni still und vergnügt. Als Galion seines Fahrzeugs hatte er das Bild jenes jüdischen Männchens vor sich, welches an besagtem Teich dreißig Jahre auf sein Heil gewartet. So segelte denn das Geschwader im Sonnenscheine dahin und erschien bald auf der weithin schimmernden Höhe, dem Ziele sich nahend. Da ertönte gleichzeitig von der entgegengesetzten Seite lustige Musik.

Aus einem duftig bereiften Walde heraus brach ein Wirrwarr von bunten Farben und Gestalten und entwickelte sich zu einem Schlittenzug, welcher hoch am weißen Feldrande sich auf den blauen Himmel zeichnete und ebenfalls nach der Mitte der Gegend hinglitt, von abenteuerlichem

Anblick. Es schienen meistens große bäuerliche Lastschlitten zu sein, je zwei zusammengebunden, um absonderlichen Gebilden und Schaustellungen zur Unterlage zu dienen. Auf dem vordersten Fuhrwerke ragte eine kolossale Figur empor, die Göttin Fortuna vorstellend, welche in den Äther hinauszufiegen schien. Es war eine riesenhafte Strohpuppe voll schimmernden Flittergoldes, deren Gazegewänder in der Luft flatterten. Auf dem zweiten Gefährte aber fuhr ein ebenso riesenmäßiger Ziegenbock einher, schwarz und düster abstechend und mit gesenkten Hörnern der Fortuna nachjagend. Hierauf folgte ein seltsames Gerüste, welches sich als ein fünfzehn Schuh hohes Bügeleisen darstellte, dann eine gewaltig schnappende Schere, welche mittels einer Schnur auf- und zugeklappt wurde und das Himmelszelt für einen blauseidenen Westenstoff anzusehen schien. Andere solche landläufige Anspielungen auf das Schneiderwesen folgten noch, und zu Füßen aller dieser Gebilde saß auf den geräumigen, je von vier Pferden gezogenen Schlitten die Seldwyler Gesellschaft in bunter Tracht, mit lautem Gelächter und Gesang.

Als beide Züge gleichzeitig auf dem Platze vor dem Gasthause auffuhren, gab es demnach einen geräuschvollen Auftritt und ein großes Gedränge von Menschen und Pferden. Die Herrschaften von Goldach waren überrascht und

erstaunt über die abenteuerliche Begegnung; die Seldwyler dagegen stellten sich vorerst gemütlich und freundschaftlich bescheiden. Ihr vorderster Schlitten mit der Fortuna trug die Inschrift: ›Leute machen Kleider‹, und so ergab es sich denn, daß die ganze Gesellschaft lauter Schneidersleute von allen Nationen und aus allen Zeitaltern darstellte. Es war gewissermaßen ein historisch-ethnographischer Schneiderfestzug, welcher mit der umgekehrten und ergänzenden Inschrift abschloß: ›Kleider machen Leute!‹ In dem letzten Schlitten mit dieser Überschrift saßen nämlich als das Werk der vorausgefahrenen heidnischen und christlichen Nahtbeflissenen aller Art, ehrwürdige Kaiser und Könige, Ratsherren und Stabsoffiziere, Prälaten und Stiftsdamen in höchster Gravität.

Diese Schneiderwelt wußte sich gewandt aus dem Wirrwarr zu ordnen und ließ die Goldacher Herren und Damen, das Brautpaar an deren Spitze, bescheiden ins Haus spazieren, um nachher die unteren Räume desselben, welche für sie bestellt waren, zu besetzen, während jene die breite Treppe empor nach dem großen Festsale rauschten. Die Gesellschaft des Herrn Grafen fand dies Benehmen schicklich, und ihre Überraschung verwandelte sich in Heiterkeit und beifälliges Lächeln über die unverwüstliche Laune der Seldwyler; nur der Graf selbst hegte gar dunkle

Empfindungen, die ihm nicht behagten, obgleich er in der jetzigen Voreingenommenheit seiner Seele keinen bestimmten Argwohn verspürte und nicht einmal bemerkt hatte, woher die Leute gekommen waren. Melchior Böhni, der seinen ›Teich Bethesda‹ sorglich beiseite gebracht hatte und sich aufmerksam in der Nähe Strapinskis befand, nannte laut, daß dieser es hören konnte, eine ganz andere Ortschaft als den Ursprungsort des Maskenzuges.

Bald saßen beide Gesellschaften, jegliche auf ihrem Stockwerke, an den gedeckten Tafeln und gaben sich fröhlichen Gesprächen und Scherzreden hin in Erwartung weiterer Freuden.

Die kündigten sich denn auch für die Goldacher an, als sie paarweise in den Tanzsaal hinüberschritten und dort die Musiker schon ihre Geigen stimmten. Wie nun aber alles im Kreise stand und sich zum Reigen ordnen wollte, erschien eine Gesandtschaft der Seldwyler, welche das freundnachbarliche Gesuch und Anerbieten vortrug, den Herren und Frauen von Goldach einen Besuch abstaten zu dürfen und ihnen zum Ergötzen einen Schautanz aufzuführen. Dieses Anerbieten konnte nicht wohl zurückgewiesen werden; auch versprach man sich von den lustigen Seldwylern einen tüchtigen Spaß und setzte sich daher nach der Anordnung der besagten Gesandtschaft

in einem großen Halbring, in dessen Mitte Strapinski und Nettchen glänzten gleich fürstlichen Sternen.

Nun traten allmählich jene besagten Schneidergruppen nacheinander ein. Jede führte in zierlichem Gebärdenspiel den Satz ›Leute machen Kleider‹ und dessen Umkehrung durch, indem sie erst mit Emsigkeit irgendein stattliches Kleidungsstück, einen Fürstenmantel, Priestertalar und dergleichen anzufertigen schien und sodann eine dürftige Person damit bekleidete, welche, urplötzlich umgewandelt, sich in höchstem Ansehen aufrichtete und nach dem Takte der Musik feierlich einherging. Auch die Tierfabel wurde in diesem Sinne in Szene gesetzt, da eine gewaltige Krähe erschien, die sich mit Pfauenfedern schmückte und quakend umherhupfte, ein Wolf, der sich einen Schafspelz zurechtschneiderte, schließlich ein Esel, der eine furchtbare Löwenhaut von Werg trug und sich heroisch damit drapierte wie mit einem Karbonarimantel.

Alle, die so erschienen, traten nach vollbrachter Darstellung zurück und machten allmählich so den Halbkreis der Goldacher zu einem weiten Ring von Zuschauern, dessen innerer Raum endlich leer ward. In diesem Augenblicke ging die Musik in eine wehmütige ernste Weise über, und zugleich beschritt eine letzte Erscheinung den Kreis, dessen Augen sämtlich auf sie gerichtet waren. Es war ein schlanker

junger Mann in dunklem Mantel, dunkeln schönen Haaren und mit einer polnischen Mütze; es war niemand anders als der Graf Strapinski, wie er an jenem Novembertage auf der Straße gewandert und den verhängnisvollen Wagen bestiegen hatte.

Die ganze Versammlung blickte lautlos gespannt auf die Gestalt, welche feierlich schwermütig einige Gänge nach dem Takte der Musik umhertrat, dann in die Mitte des Ringes sich begab, den Mantel auf den Boden breitete, sich schneidermäßig darauf niedersetzte und anfang, ein Bündel auszupacken. Er zog einen beinahe fertigen Grafenrock hervor, ganz wie ihn Strapinski in diesem Augenblicke trug, nähete mit großer Hast und Geschicklichkeit Troddeln und Schnüre darauf und bügelte ihn schulgerecht aus, indem er das scheinbar heiße Bügeleisen mit nassen Fingern prüfte. Dann richtete er sich langsam auf, zog seinen fadenscheinigen Rock aus und das Prachtkleid an, nahm ein Spiegelchen, kämmte sich und vollendete seinen Anzug, daß er endlich als das leibhaftige Ebenbild des Grafen dastand. Unversehens ging die Musik in eine rasche mutige Weise über, der Mann wickelte seine Siebensachen in den alten Mantel und warf das Pack weit über die Köpfe der Anwesenden hinweg in die Tiefe des Saales, als wollte er sich ewig von seiner Vergangenheit trennen. Hierauf beging er als stolzer

Weltmann in stattlichen Tanzschritten den Kreis, hie und da sich vor den Anwesenden huldreich verbeugend, bis er vor das Brautpaar gelangte. Plötzlich faßte er den Polen, ungeheuer überrascht, fest ins Auge, stand als eine Säule vor ihm still, während gleichzeitig wie auf Verabredung die Musik aufhörte und eine fürchterliche Stille wie ein stummer Blitz einfiel.

»Ei, ei, ei, ei«, rief er mit weithin vernehmlichen Stimme und reckte den Arm gegen den Unglücklichen aus, »Sieh da den Bruder Schlesier, den Wasserpolacken! Der mir aus der Arbeit gelaufen ist, weil er wegen einer kleinen Geschäftsschwankung glaubte, es sei zu Ende mit mir. Nun, es freut mich, daß es Ihnen so lustig geht und Sie hier so fröhliche Fastnacht halten! Stehen Sie in Arbeit zu Goldach?«

Zugleich gab er dem bleich und lächelnd dasitzenden Grafensohn die Hand, welche dieser willenlos ergriff wie eine feurige Eisenstange, während der Doppelgänger rief: »Kommt, Freunde, seht hier unsern sanften Schneidergesellen, der wie ein Raphael aussieht und unsern Dienstmägden, auch der Pfarrerstochter so wohl gefiel, die freilich ein bißchen übergeschnappt ist!«

Nun kamen die Seldwyler Leute alle herbei und drängten sich um Strapinski und seinen ehemaligen Meister, indem sie ersterm treuherzig die Hand schüttelten, daß

er auf seinem Stuhle schwankte und zitterte. Gleichzeitig setzte die Musik wieder ein mit einem lebhaften Marsch; die Seldwyler, sowie sie an dem Brautpaar vorüber waren, ordneten sich zum Abzuge und marschierten unter Absingung eines wohl einstudierten diabolischen Lachchors aus dem Saale, während die Goldacher, unter welchen Böhni die Erklärung des Mirakels blitzschnell zu verbreiten gewußt hatte, durcheinanderliefen und sich mit den Seldwylern kreuzten, so daß es einen großen Tumult gab.

Als dieser sich endlich legte, war auch der Saal beinahe leer; wenige Leute standen an den Wänden und flüsterten verlegen untereinander; ein paar junge Damen hielten sich in einiger Entfernung von Nettchen, unschlüssig, ob sie sich derselben nähern sollten oder nicht.

Das Paar aber saß unbeweglich auf seinen Stühlen gleich einem steinernen ägyptischen Königspaar, ganz still und einsam; man glaubte, den unabsehbaren glühenden Wüstensand zu fühlen.

Nettchen, weiß wie Marmor, wendete das Gesicht langsam nach ihrem Bräutigam und sah ihn seltsam von der Seite an.

Da stand er langsam auf und ging mit schweren Schritten hinweg, die Augen auf den Boden gerichtet, während große Tränen aus denselben fielen.

Er ging durch die Goldacher und Seldwyler, welche die Treppen bedeckten, hindurch wie ein Toter, der sich gespenstisch von einem Jahrmarkt stiehlt, und sie ließen ihn seltsamerweise auch wie einen solchen passieren, indem sie ihm still auswichen, ohne zu lachen oder harte Worte nachzurufen. Er ging auch zwischen den zur Abfahrt gerüsteten Schlitten und Pferden von Goldach hindurch, indessen die Seldwyler sich in ihrem Quartiere erst noch recht belustigten, und er wandelte halb unbewußt, nur in der Meinung, nicht mehr nach Goldach zurückzukommen, dieselbe Straße gegen Seldwyla hin, auf welcher er vor einigen Monaten hergewandert war. Bald verschwand er in der Dunkelheit des Waldes, durch welchen sich die Straße zog. Er war barhäuptig; denn seine Polenmütze war im Fenstersimse des Tanzsaales liegengeblieben nebst den Handschuhen, und so schritt er denn, gesenkten Hauptes und die frierenden Hände unter die gekreuzten Arme bergend, vorwärts, während seine Gedanken sich allmählich sammelten und zu einigem Erkennen gelangten. Das erste deutliche Gefühl, dessen er innewurde, war dasjenige einer ungeheuren Schande, gleichwie, wenn er ein wirklicher Mann von Rang und Ansehen gewesen und nun infam geworden wäre durch Hereinbrechen irgendeines verhängnisvollen Unglückes. Dann löste sich dieses Gefühl aber auf in eine

Art Bewußtsein erlittenen Unrechtes; er hatte sich bis zu seinem glorreichen Einzug in die verwünschte Stadt nie ein Vergehen zuschulden kommen lassen; soweit seine Gedanken in die Kindheit zurückreichten, war ihm nicht erinnerlich, daß er je wegen einer Lüge oder einer Täuschung gestraft oder gescholten worden wäre, und nun war er ein Betrüger geworden dadurch, daß die Torheit der Welt ihn in einem unbewachten und sozusagen wehrlosen Augenblicke überfallen und ihn zu ihrem Spielgesellen gemacht hatte. Er kam sich wie ein Kind vor, welches ein anderes boshafte Kind überredet hat, von einem Altare den Kelch zu stehlen; er haßte und verachtete sich jetzt, aber er weinte auch über sich und seine unglückliche Verirrung.

Wenn ein Fürst Land und Leute nimmt; wenn ein Priester die Lehre seiner Kirche ohne Überzeugung verkündet, aber die Güter seiner Pfründe mit Würde verzehrt; wenn ein dünkeltoller Lehrer die Ehren und Vorteile eines hohen Lehramtes innehat und genießt, ohne von der Höhe seiner Wissenschaft den mindesten Begriff zu haben und derselben auch nur den kleinsten Vorschub zu leisten; wenn ein Künstler ohne Tugend, mit leichtfertigem Tun und leerer Gaukelei sich in Mode bringt und Brot und Ruhm der wahren Arbeit vorwegstiehlt, oder wenn ein Schwindler, der einen großen Kaufmannsnamen geerbt oder erschlichen hat, durch

seine Torheiten und Gewissenlosigkeiten Tausende um ihre Ersparnisse und Notpfennige bringt: so weinen alle diese nicht über sich, sondern erfreuen sich ihres Wohlseins und bleiben nicht einen Abend ohne aufheiternde Gesellschaft und gute Freunde.

Unser Schneider aber weinte bitterlich über sich, das heißt, er fing solches plötzlich an, als nun seine Gedanken an der schweren Kette, an der sie hingen, unversehens zu der verlassenen Braut zurückkehrten und sich aus Scham vor der Unsichtbaren zur Erde krümmten. Das Unglück und die Erniedrigung zeigten ihm mit einem hellen Strahle das verlorene Glück und machten aus dem unklar verliebten Irrgänger einen verstoßenen Liebenden. Er streckte die Arme gegen die kalt glänzenden Sterne empor und taumelte mehr, als er ging, auf seiner Straße dahin, stand wieder still und schüttelte den Kopf, als plötzlich ein roter Schein den Schnee um ihn her erreichte und zugleich Schellenklang und Gelächter ertönte. Es waren die Seldwyler, welche mit Fackeln nach Hause fuhren. Schon näherten sich ihm die ersten Pferde mit ihren Nasen; da raffte er sich auf, tat einen gewaltigen Sprung über den Straßenrand und duckte sich unter die vordersten Stämme des Waldes. Der tolle Zug fuhr vorbei und verhallte endlich in der dunklen Ferne, ohne daß der Flüchtling bemerkt worden war; dieser aber, nachdem

er eine gute Weile reglos gelauscht hatte, von der Kälte wie von den erst genossenen feurigen Getränken und seiner gramvollen Dummheit übermannt, streckte unvermerkt seine Glieder aus und schlief ein auf dem knisternden Schnee, während ein eiskalter Hauch von Osten heranzuwehen begann.

Inzwischen erhob auch Nettchen sich von ihrem einsamen Sitze. Sie hatte dem abziehenden Geliebten gewissermaßen aufmerksam nachgeschaut, saß länger als eine Stunde unbeweglich da und stand dann auf, indem sie bitterlich zu weinen begann und ratlos nach der Türe ging. Zwei Freundinnen gesellten sich nun zu ihr mit zweifelhaft tröstenden Worten; sie bat dieselben, ihr Mantel, Tücher, Hut und dergleichen zu verschaffen, in welche Dinge sie sich sodann stumm verhüllte, die Augen mit dem Schleier heftig trocknend. Da man aber, wenn man weint, fast immer zugleich auch die Nase schneuzen muß, so sah sie sich doch genötigt, das Taschentuch zu nehmen, und tat einen tüchtigen Schneuz, worauf sie stolz und zornig um sich blickte. In dieses Blicken hinein geriet Melchior Böhni, der sich ihr freundlich, demütig und lächelnd näherte und ihr die Notwendigkeit darstellte, nunmehr einen Führer und Begleiter nach dem väterlichen Hause zurück zu haben. Den ›Teich Bethesda‹, sagte er, werde er hier im Gasthause

zurücklassen und dafür die ›Fortuna‹ mit der verehrten Unglücklichen sicher nach Goldach hingleiten.

Ohne zu antworten, ging sie festen Schrittes voran nach dem Hofe, wo der Schlitten mit den ungeduldigen, wohlgefütterten Pferden bereitstand, einer der letzten, welche dort waren. Sie nahm rasch darin Platz, ergriff das Leitseil und die Peitsche, und während der achtlose Böhni, mit glücklicher Geschäftigkeit sich gebärdend, dem Stallknechte, der die Pferde gehalten, das Trinkgeld hervorsuchte, trieb sie unversehens die Pferde an und fuhr auf die Landstraße hinaus in starken Sätzen, welche sich bald in einen anhaltenden munteren Galopp verwandelten. Und zwar ging es nicht nach der Heimat, sondern auf der Seldwyler Straße hin. Erst als das leichtbeschwingte Fahrzeug schon dem Blick entschwunden war, entdeckte Herr Böhni das Ereignis und lief in der Richtung gegen Goldach mit Hoho! und Haltrufen, sprang dann zurück und jagte mit seinem eigenen Schlitten der entflohenen oder nach seiner Meinung durch die Pferde entführten Schönen nach, bis er am Tore der aufgeregten Stadt anlangte, in welcher das Ärgernis bereits alle Zungen beschäftigte.

Warum Nettchen jenen Weg eingeschlagen, ob in der Verwirrung oder mit Vorsatz, ist nicht sicher zu berichten. Zwei Umstände mögen hier ein leises Licht gewähren. Einmal

lagen sonderbarerweise die Pelzmütze und die Handschuhe Strapinskis, welche auf dem Fenstersimse hinter dem Sitze des Paares gelegen hatten, nun im Schlitten der ›Fortuna‹ neben Nettchen; wann und wie sie diese Gegenstände ergriffen, hatte niemand beachtet, und sie selbst wußte es nicht; es war wie im Schlafwandel geschehen. Sie wußte jetzt noch nicht, daß Mütze und Handschuhe neben ihr lagen. Sodann sagte sie mehr als einmal laut vor sich hin: »Ich muß noch zwei Worte mit ihm sprechen, nur zwei Worte!«

Diese beiden Tatsachen scheinen zu beweisen, daß nicht ganz der Zufall die feurigen Pferde lenkte. Auch war es seltsam, als die ›Fortuna‹ in die Waldstraße gelangte, in welche jetzt der helle Vollmond hineinschien, wie Nettchen den Lauf der Pferde mäßigte und die Zügel fester anzog, so daß dieselben beinahe nur im Schritt einhertanzten, während die Lenkerin die traurigen, aber dennoch scharfen Augen gespannt auf den Weg heftete, ohne links und rechts den geringsten auffälligen Gegenstand außer acht zu lassen.

Und doch war gleichzeitig ihre Seele wie in tiefer, schwerer, unglücklicher Vergessenheit befangen. Was sind Glück und Leben! Von was hängen sie ab? Was sind wir selbst, daß wir wegen einer lächerlichen Fastnachtslüge glücklich oder unglücklich werden? Was haben wir verschuldet, wenn wir durch eine fröhliche, gläubige Zuneigung Schmach

und Hoffnungslosigkeit einernten? Wer sendet uns solche einfältige Truggestalten, die zerstörend in unser Schicksal eingreifen, während sie sich selbst daran auflösen wie schwache Seifenblasen?

Solche mehr geträumte als gedachte Fragen umfingen die Seele Nettchens, als ihre Augen sich plötzlich auf einen länglichen dunkeln Gegenstand richteten, welcher zur Seite der Straße sich vom mondbeglänzten Schnee abhob. Es war der langhingestreckte Wenzel, dessen dunkles Haar sich mit dem Schatten der Bäume vermischte, während sein schlanker Körper deutlich im Lichte lag.

Nettchen hielt unwillkürlich die Pferde an, womit eine tiefe Stille über den Wald kam. Sie starrte unverwandt nach dem dunklen Körper, bis derselbe sich ihrem hellsehenden Auge fast unverkennbar darstellte und sie leise die Zügel festband, ausstieg, die Pferde einen Augenblick beruhigend streichelte und sich hierauf der Erscheinung vorsichtig, lautlos näherte.

Ja, er war es. Der dunkelgrüne Sammet seines Rockes nahm sich selbst auf dem nächtlichen Schnee schön und edel aus; der schlanke Leib und die geschmeidigen Glieder, wohl geschnürt und bekleidet, alles sagte noch in der Erstarrung, am Rande des Unterganges, im Verlorensein: Kleider machen Leute!

Als sich die einsame Schöne näher über ihn hinbeugte und ihn ganz sicher erkannte, sah sie auch sogleich die Gefahr, in der sein Leben schwebte, und fürchtete, er möchte bereits erfroren sein. Sie ergriff daher unbedenklich eine seiner Hände, die kalt und gefühllos schien. Alles andere vergessend, rüttelte sie den Ärmsten und rief ihm seinen Taufnamen ins Ohr: »Wenzel, Wenzel!« Umsonst, er rührte sich nicht, sondern atmete nur schwach und traurig. Da fiel sie über ihn her, fuhr mit der Hand über sein Gesicht und gab ihm in der Beängstigung Nasenstüber auf die erbleichte Nasenspitze. Dann nahm sie, hierdurch auf einen guten Gedanken gebracht, Hände voll Schnee und rieb ihm die Nase und das Gesicht und auch die Finger tüchtig, soviel sie vermochte und bis sich der glücklich Unglückliche erholte, erwachte und langsam seine Gestalt in die Höhe richtete.

Er blickte um sich und sah die Retterin vor sich stehen. Sie hatte den Schleier zurückgeschlagen; Wenzel erkannte jeden Zug in ihrem weißen Gesicht, das ihn ansah mit großen Augen.

Er stürzte vor ihr nieder, küßte den Saum ihres Mantels und rief: »Verzeih mir! Verzeih mir!«

»Komm, fremder Mensch!« sagte sie mit unterdrückter zitternder Stimme. »Ich werde mit dir sprechen und dich fortschaffen!«

Sie winkte ihm, in den Schlitten zu steigen, was er folgsam tat; sie gab ihm Mütze und Handschuhe ebenso unwillkürlich, wie sie dieselben mitgenommen hatte, ergriff Zügel und Peitsche und fuhr vorwärts.

Jenseits des Waldes, unfern der Straße, lag ein Bauernhof, auf welchem eine Bäuerin hauste, deren Mann unlängst gestorben. Nettchen war die Patin eines ihrer Kinder sowie der Vater Amtsrat ihr Zinsherr. Noch neulich war die Frau bei ihnen gewesen, um der Tochter Glück zu wünschen und allerlei Rat zu holen, konnte aber zu dieser Stunde noch nichts von dem Wandel der Dinge wissen.

Nach diesem Hofe fuhr Nettchen jetzt, von der Straße ablenkend und mit einem kräftigen Peitschenknallen vor dem Hause haltend. Es war noch Licht hinter den kleinen Fenstern; denn die Bäuerin war wach und machte sich zu schaffen, während Kinder und Gesinde längst schliefen. Sie öffnete das Fenster und guckte verwundert heraus. »Ich bin's nur, wir sind's!« rief Nettchen. »Wir haben uns verirrt wegen der neuen obern Straße, die ich noch nie gefahren bin; macht uns einen Kaffee, Frau Gevatterin, und laßt uns einen Augenblick hineinkommen, ehe wir weiterfahren!«

Gar vergnügt eilte die Bäuerin her, da sie Nettchen sofort erkannte, und bezeigte sich entzückt und eingeschüchtert zugleich, auch das große Tier, den fremden Grafen, zu sehen.

In ihren Augen waren Glück und Glanz dieser Welt in diesen zwei Personen über ihre Schwelle getreten; unbestimmte Hoffnungen, einen kleinen Teil daran, irgendeinen bescheidenen Nutzen für sich oder ihre Kinder zu gewinnen, belebten die gute Frau und gaben ihr alle Behendigkeit, die jungen Herrschaftsleute zu bedienen. Schnell hatte sie ein Knechtchen geweckt, die Pferde zu halten, und bald hatte sie auch einen heißen Kaffee bereitet, welchen sie jetzt hereinbrachte, wo Wenzel und Nettchen in der halbdunklen Stube einander gegenüber saßen, ein schwach flackerndes Lämpchen zwischen sich auf dem Tische.

Wenzel saß, den Kopf in die Hände gestützt, und wagte nicht aufzublicken. Nettchen lehnte auf ihrem Stuhle zurück und hielt die Augen fest verschlossen, aber ebenso den bitteren schönen Mund, woran man sah, daß sie keineswegs schlief.

Als die Gevattersfrau den Trank auf den Tisch gesetzt hatte, erhob sich Nettchen rasch und flüsterte ihr zu: »Laßt uns jetzt eine Viertelstunde allein, legt Euch aufs Bett, liebe Frau! Wir haben uns ein bißchen gezankt und müssen uns heute noch aussprechen, da hier gute Gelegenheit ist!«

»Ich verstehe schon, Ihr macht's gut so!« sagte die Frau und ließ die zwei bald allein.

»Trinken Sie dies«, sagte Nettchen, die sich wieder gesetzt hatte, »es wird Ihnen gesund sein!« Sie selbst berührte

nichts. Wenzel Strapinski, der leise zitterte, richtete sich auf, nahm eine Tasse und trank sie aus, mehr, weil sie es gesagt hatte, als um sich zu erfrischen. Er blickte sie jetzt auch an, und als ihre Augen sich begegneten und Nettchen forschend die seinigen betrachtete, schüttelte sie das Haupt und sagte dann: »Wer sind Sie? Was wollten Sie mit mir?«

»Ich bin nicht ganz so, wie ich scheine!« erwiderte er traurig. »Ich bin ein armer Narr, aber ich werde alles gutmachen und Ihnen Genugtuung geben und nicht lange mehr am Leben sein!« Solche Worte sagte er so überzeugt und ohne allen gemachten Ausdruck, daß Nettchens Augen unmerklich aufblitzten. Dennoch wiederholte sie: »Ich wünsche zu wissen, wer Sie eigentlich seien und woher Sie kommen und wohin Sie wollen.«

»Es ist alles so gekommen, wie ich Ihnen jetzt der Wahrheit gemäß erzählen will«, antwortete er und sagte ihr, wer er sei und wie es ihm bei seinem Einzug in Goldach ergangen. Er beteuerte besonders, wie er mehrmals habe fliehen wollen, schließlich aber durch ihr Erscheinen selbst gehindert worden sei wie in einem verhexten Traume.

Nettchen wurde mehrmals von einem Anflug von Lachen heimgesucht; doch überwog der Ernst ihrer Angelegenheit zu sehr, als daß es zum Ausbruch gekommen wäre. Sie fuhr vielmehr fort zu fragen: »Und wohin gedachten Sie mit mir zu

gehen und was zu beginnen?« - »Ich weiß es kaum«, erwiderte er; »ich hoffte auf weitere merkwürdige oder glückliche Dinge; auch gedachte ich zuweilen des Todes in der Art, daß ich mir denselben geben wolle, nachdem ich ...«

Hier stockte Wenzel, und sein bleiches Gesicht wurde ganz rot.

»Nun, fahren Sie fort!« sagte Nettchen, ihrerseits bleich werdend, indessen ihr Herz wunderbarlich klopfte.

Da flammten Wenzels Augen groß und süß auf, und er rief:

»Ja, jetzt ist es mir klar und deutlich vor Augen, wie es gekommen wäre! Ich wäre mit dir in die weite Welt gegangen, und nachdem ich einige kurze Tage des Glückes mit dir gelebt, hätte ich dir den Betrug gestanden und mir gleichzeitig den Tod gegeben. Du wärest zu deinem Vater zurückgekehrt, wo du wohl aufgehoben gewesen wärest und mich leicht vergessen hättest. Niemand brauchte darum zu wissen; ich wäre spurlos verschollen. Anstatt an der Sehnsucht nach einem würdigen Dasein, nach einem gütigen Herzen, nach Liebe lebenslang zu kranken«, fuhr er wehmütig fort, »wäre ich einen Augenblick lang groß und glücklich gewesen und hoch über allen, die weder glücklich noch unglücklich sind und doch nie sterben wollen! O hätten Sie mich liegengelassen im kalten Schnee, ich wäre so ruhig eingeschlafen!«

Er war wieder still geworden und schaute düster sinnend vor sich hin.

Nach einer Weile sagte Nettchen, die ihn still betrachtet, nachdem das durch Wenzels Reden angefachte Schlagen ihres Herzens sich etwas gelegt hatte:

»Haben Sie dergleichen oder ähnliche Streiche früher schon begangen und fremde Menschen angelogen, die Ihnen nichts zuleide getan?«

»Das habe ich mich in dieser bitteren Nacht selbst schon gefragt und mich nicht erinnert, daß ich je ein Lügner gewesen bin! Ein solches Abenteuer habe ich noch gar nie gemacht oder erfahren! Ja, in jenen Tagen, als der Hang in mir entstanden, etwas Ordentliches zu sein oder zu scheinen, in halber Kindheit noch, habe ich mich selbst überwunden und einem Glück entsagt, das mir beschieden schien!«

»Was ist dies?« fragte Nettchen.

»Meine Mutter war, ehe sie sich verheiratet hatte, in Diensten einer benachbarten Gutsherrin und mit derselben auf Reisen und in großen Städten gewesen. Davon hatte sie eine feinere Art bekommen als die anderen Weiber unseres Dorfes und war wohl auch etwas eitel; denn sie kleidete sich und mich, ihr einziges Kind, immer etwas zierlicher und gesuchter, als es bei uns Sitte war. Der Vater, ein armer Schulmeister, starb aber früh, und so

blieb uns bei größter Armut keine Aussicht auf glückliche Erlebnisse, von welchen die Mutter gerne zu träumen pflegte. Vielmehr mußte sie sich harter Arbeit hingeben, um uns zu ernähren, und damit das Liebste, was sie hatte, etwas bessere Haltung und Kleidung, aufopfern. Unerwartet sagte nun jene inzwischen verwitwete Gutsherrin, als ich etwa sechzehn Jahre alt war, sie gehe mit ihrem Haushalt in die Residenz für immer; die Mutter solle mich mitgeben, es sei schade für mich, in dem Dorfe ein Tagelöhner oder Bauernknecht zu werden, sie wolle mich etwas Feines lernen lassen, zu was ich Lust habe, während ich in ihrem Hause leben und diese und jene leichten Dienstleistungen tun könne. Das schien nun das Herrlichste zu sein, was sich für uns ereignen mochte. Alles wurde demgemäß verabredet und zubereitet, als die Mutter nachdenklich und traurig wurde und mich eines Tages plötzlich mit vielen Tränen bat, sie nicht zu verlassen, sondern mit ihr arm zu bleiben; sie werde nicht alt werden, sagte sie, und ich würde gewiß noch zu etwas Gutem gelangen, auch wenn sie tot sei. Die Gutsherrin, der ich das betrübt hinterbrachte, kam her und machte meiner Mutter Vorstellungen; aber diese wurde jetzt ganz aufgeregt und rief einmal um das andere, sie lasse sich ihr Kind nicht rauben; wer es kenne ...«

Hier stockte Wenzel Strapinski abermals und wußte sich nicht recht fortzuhelfen. Nettchen fragte: »Was sagte die Mutter, wer es kenne? Warum fahren Sie nicht fort?«

Wenzel errötete und antwortete: »Sie sagte etwas Seltsames, was ich nicht recht verstand und was ich jedenfalls seither nicht verspürt habe; sie meinte, wer das Kind kenne, könne nicht mehr von ihm lassen, und wollte wohl damit sagen, daß ich ein gutmütiger Junge gewesen sei oder etwas dergleichen. Kurz, sie war so aufgereggt, daß ich trotz alles Zuredens jener Dame entsagte und bei der Mutter blieb, wofür sie mich doppelt liebhatte, tausendmal mich um Verzeihung bittend, daß sie mir vor dem Glücke sei. Als ich aber nun auch etwas verdienen lernen sollte, stellte es sich heraus, daß nicht viel anderes zu tun war, als daß ich zu unserm Dorfschneider in die Lehre ging. Ich wollte nicht, aber die Mutter weinte so sehr, daß ich mich ergab. Dies ist die Geschichte.«

Auf Nettchens Frage, warum er denn doch von der Mutter fort sei und wann, erwiderte Wenzel: »Der Militärdienst rief mich weg. Ich wurde unter die Husaren gesteckt und war ein ganz hübscher roter Husar, obwohl vielleicht der dümmste im Regiment, jedenfalls der stillste. Nach einem Jahre konnte ich endlich für ein paar Wochen Urlaub erhalten und eilte nach Hause, meine gute Mutter

zu sehen; aber sie war eben gestorben. Da bin ich denn, als meine Zeit vorbei war, einsam in die Welt gereist und endlich hier in mein Unglück geraten.«

Nettchen lächelte, als er dieses vor sich hinklagte und sie ihn dabei aufmerksam betrachtete. Es war jetzt eine Zeitlang still in der Stube; auf einmal schien ihr ein Gedanke aufzutauchen.

»Da Sie«, sagte sie plötzlich, aber dennoch mit zögerndem spitzigen Wesen, »stets so wertgeschätzt und liebenswürdig waren, so haben Sie ohne Zweifel auch jederzeit Ihre gehörigen Liebschaften oder dergleichen gehabt und wohl schon mehr als ein armes Frauenzimmer auf dem Gewissen - von mir nicht zu reden?«

»Ach Gott«, erwiderte Wenzel, ganz rot werdend, »eh' ich zu Ihnen kam, habe ich niemals auch nur die Fingerspitzen eines Mädchens berührt, ausgenommen ...«

»Nun?« sagte Nettchen.

»Nun«, fuhr er fort, »das war eben jene Frau, die mich mitnehmen und bilden lassen wollte, die hatte ein Kind, ein Mädchen von sieben oder acht Jahren, ein seltsames, heftiges Kind und doch gut wie Zucker und schön wie ein Engel. Dem hatte ich vielfach den Diener und Beschützer machen müssen, und es hatte sich an mich gewöhnt. Ich mußte es regelmäßig nach dem entfernten Pfarrhof bringen, wo es bei

dem alten Pfarrer Unterricht genoß, und es von da wieder abholen. Auch sonst mußte ich öfter mit ihm ins Freie, wenn sonst niemand gerade mitgehen konnte. Dieses Kind nun, als ich es zum letztenmal im Abendschein über das Feld nach Hause führte, fing von der bevorstehenden Abreise zu reden an, erklärte mir, ich müßte dennoch mitgehen, und fragte, ob ich es tun wolle. Ich sagte, daß es nicht sein könne. Das Kind fuhr aber fort, gar beweglich und dringlich zu bitten, indem es mir am Arme hing und mich am Gehen hinderte, wie Kinder zu tun pflegen, so daß ich mich bedachtlos wohl etwas unwirsch frei machte. Da senkte das Mädchen sein Haupt und suchte beschämt und traurig die Tränen zu unterdrücken, die jetzt hervorbrachen, und es vermochte kaum das Schluchzen zu bemeistern. Betroffen wollte ich das Kind begütigen; allein nun wandte es sich zornig ab und entließ mich in Ungnaden. Seitdem ist mir das schöne Kind immer im Sinne geblieben, und mein Herz hat immer an ihm gehangen, obgleich ich nie wieder von ihm gehört habe ...«

Plötzlich hielt der Sprecher, der in eine sanfte Erregung geraten war, wie erschreckt inne und starrte erbleichend seine Gefährtin an.

»Nun«, sagte Nettchen ihrerseits mit seltsamem Tone, in gleicher Weise etwas blaß geworden, »was sehen Sie mich so an?«

Wenzel aber streckte den Arm aus, zeigte mit dem Finger auf sie, wie wenn er einen Geist sähe, und rief: »Dieses habe ich auch schon erblickt. Wenn jenes Kind zornig war, so hoben sich ganz so, wie jetzt bei Ihnen, die schönen Haare um Stirne und Schläfe ein wenig aufwärts, daß man sie sich bewegen sah, und so war es auch zuletzt auf dem Felde in jenem Abendglanze.«

In der That hatten sich die zunächst den Schläfen und über der Stirne liegenden Locken Nettchens leise bewegt wie von einem ins Gesicht wehenden Lufthauche.

Die allzeit etwas kokette Mutter Natur hatte hier eines ihrer Geheimnisse angewendet, um den schwierigen Handel zu Ende zu führen.

Nach kurzem Schweigen, indem ihre Brust sich zu heben begann, stand Nettchen auf, ging um den Tisch herum dem Manne entgegen und fiel ihm um den Hals mit den Worten: »Ich will dich nicht verlassen! Du bist mein, und ich will mit dir gehen trotz aller Welt!«

So feierte sie erst jetzt ihre rechte Verlobung aus tief entschlossener Seele, indem sie in süßer Leidenschaft ein Schicksal auf sich nahm und Treue hielt.

Doch war sie keineswegs so blöde, dieses Schicksal nicht selbst ein wenig lenken zu wollen; vielmehr faßte sie rasch und keck neue Entschlüsse. Denn sie sagte zu dem guten Wenzel, der in dem abermaligen Glückswechsel verloren träumte:

»Nun wollen wir gerade nach Seldwyla gehen und den Dortigen, die uns zu zerstören gedachten, zeigen, daß sie uns erst recht vereinigt und glücklich gemacht haben!«

Dem wackern Wenzel wollte das nicht einleuchten. Er wünschte vielmehr, in unbekannte Weiten zu ziehen und geheimnisvoll und romantisch dort zu leben in stillem Glücke, wie er sagte.

Allein Nettchen rief: »Keine Romane mehr! Wie du bist, ein armer Wandersmann, will ich mich zu dir bekennen und in meiner Heimat allen diesen Stolzen und Spöttern zum Trotze dein Weib sein! Wir wollen nach Seldwyla gehen und dort durch Tätigkeit und Klugheit die Menschen, die uns verhöhnt haben, von uns abhängig machen!«

Und wie gesagt, so getan! Nachdem die Bäuerin herbeigerufen und von Wenzel, der anfang, seine neue Stellung einzunehmen, beschenkt worden war, fuhren sie ihres Weges weiter. Wenzel führte jetzt die Zügel, Nettchen lehnte sich so zufrieden an ihn, als ob er eine Kirchensäule wäre. Denn des Menschen Wille ist sein Himmelreich, und Nettchen war just vor drei Tagen volljährig geworden und konnte dem ihrigen folgen.

In Seldwyla hielten sie vor dem Gasthause ›Zum Regenbogen‹, wo noch eine Zahl jener Schlittenfahrer beim Glase saß. Als das Paar im Wirtssaale erschien, lief wie ein

Feuer die Rede herum: »Ha, da haben wir eine Entführung! Wir haben eine köstliche Geschichte eingeleitet!«

Doch ging Wenzel ohne Umsehen hindurch mit seiner Braut, und nachdem sie in ihren Gemächern verschwunden war, begab er sich in den ›Wilden Mann‹, ein anderes gutes Gasthaus, und schritt stolz durch die dort ebenfalls noch hausenden Seldwyler hindurch in ein Zimmer, das er begehrte, und überließ sie ihren erstaunten Beratungen, über welchen sie sich das grimmigste Kopfwieh anzutrinken genötigt waren.

Auch in der Stadt Goldach lief um die gleiche Zeit schon das Wort ›Entführung!‹ herum. In aller Frühe schon fuhr auch der ›Teich Bethesda‹ nach Seldwyla, von dem aufgeregten Böhni und Nettchens betroffenen Vater bestiegen. Fast wären sie in ihrer Eile ohne Anhalt durch Seldwyla gefahren, als sie noch rechtzeitig den Schlitten ›Fortuna‹ wohlbehalten vor dem Gasthause stehen sahen und zu ihrem Troste vermuteten, daß wenigstens die schönen Pferde auch nicht weit sein würden. Sie ließen daher ausspannen, als sich die Vermutung bestätigte und sie die Ankunft und den Aufenthalt Nettchens vernahmen, und gingen gleichfalls in den ›Regenbogen‹ hinein.

Es dauerte jedoch eine kleine Weile, bis Nettchen den Vater bitten ließ, sie auf ihrem Zimmer zu besuchen und

dort allein mit ihr zu sprechen. Auch sagte man, sie habe bereits den besten Rechtsanwalt der Stadt rufen lassen, welcher im Laufe des Vormittags erscheinen werde. Der Amtsrat ging etwas schweren Herzens zu seiner Tochter hinauf, überlegend, auf welche Weise er das desperate Kind am besten aus der Verirrung zurückführe, und war auf ein verzweifelttes Gebaren gefaßt.

Allein mit Ruhe und sanfter Festigkeit trat ihm Nettchen entgegen. Sie dankte ihrem Vater mit Rührung für alle ihr bewiesene Liebe und Güte und erklärte sodann in bestimmten Sätzen: erstens, sie wolle nach dem Vorgefallenen nicht mehr in Goldach leben, wenigstens nicht die nächsten Jahre; zweitens wünsche sie ihr bedeutendes mütterliches Erbe an sich zu nehmen, welches der Vater ja schon lange für den Fall ihrer Verheiratung bereit gehalten; drittens wolle sie den Wenzel Strapinski heiraten, woran vor allem nichts zu ändern sei; viertens wolle sie mit ihm in Seldwyla wohnen und ihm da ein tüchtiges Geschäft gründen helfen, und fünftens und letztens werde alles gut werden; denn sie habe sich überzeugt, daß er ein guter Mensch sei und sie glücklich machen werde.

Der Amtsrat begann seine Arbeit mit der Erinnerung, daß Nettchen ja wisse, wie sehr er schon gewünscht habe, ihr Vermögen zur Begründung ihres wahren Glückes je eher je

lieber in ihre Hände legen zu können. Dann aber schilderte er mit aller Bekümmernis, die ihn seit der ersten Kunde von der schrecklichen Katastrophe erfüllte, das Unmögliche des Verhältnisses, das sie festhalten wolle, und schließlich zeigte er das große Mittel, durch welches sich der schwere Konflikt allein würdig lösen lasse. Herr Melchior Böhni sei es, der bereit sei, durch augenblickliches Einstehen mit seiner Person den ganzen Handel niederzuschlagen und mit seinem unantastbaren Namen ihre Ehre vor der Welt zu schützen und aufrechtzuhalten.

Aber das Wort Ehre brachte nun doch die Tochter in größere Aufregung. Sie rief, gerade die Ehre sei es, welche ihr gebiete, den Herrn Böhni nicht zu heiraten, weil sie ihn nicht leiden könne, dagegen dem armen Fremden getreu zu bleiben, welchem sie ihr Wort gegeben habe und den sie auch leiden könne!

Es gab nun ein fruchtloses Hin- und Widerreden, welches die standhafte Schöne endlich doch zum Tränenvergießen brachte.

Fast gleichzeitig drangen Wenzel und Böhni herein, welche auf der Treppe zusammengetroffen, und es drohte eine große Verwirrung zu entstehen, als auch der Rechtsanwalt erschien, ein dem Amtsrate wohlbekannter Mann, und vorderhand zur friedlichen Besonnenheit mahnte. Als er

in wenigen vorläufigen Worten vernahm, worum es sich handle, ordnete er an, daß vor allem Wenzel sich in den ›Wilden Mann‹ zurückziehe und sich dort still halte, daß auch Herr Böhni sich nicht einmische und fortgehe, daß Nettchen ihrerseits alle Formen des bürgerlichen guten Tones wahre bis zum Austrag der Sache und der Vater auf jede Ausübung von Zwang verzichte, da die Freiheit der Tochter gesetzlich unbezweifelt sei.

So gab es denn einen Waffenstillstand und eine allgemeine Trennung für einige Stunden.

In der Stadt, wo der Anwalt ein paar Worte verlauten ließ von einem großen Vermögen, welches vielleicht nach Seldwyla käme durch diese Geschichte, entstand nun ein großer Lärm. Die Stimmung der Seldwyler schlug plötzlich um zugunsten des Schneiders und seiner Verlobten, und sie beschloßen, die Liebenden zu schützen mit Gut und Blut und in ihrer Stadt Recht und Freiheit der Person zu wahren. Als daher das Gerücht ging, die Schöne von Goldach solle mit Gewalt zurückgeführt werden, rotteten sie sich zusammen, stellten bewaffnete Schutz- und Ehrenwachen vor den ›Regenbogen‹ und vor den ›wilden Mann‹ und begingen überhaupt mit gewaltiger Lustbarkeit eines ihrer großen Abenteuer, als merkwürdige Fortsetzung des gestrigen.

Der erschreckte und gereizte Amtratsrat schickte seinen Böhni nach Goldach um Hilfe. Der fuhr im Galopp hin, und am nächsten Tage fuhren eine Anzahl Männer mit einer ansehnlichen Polizeimacht von dort herüber, um dem Amtratsrat beizustehen, und es gewann den Anschein, als ob Seldwyla ein neues Troja werden sollte. Die Parteien standen sich drohend gegenüber; der Stadttambour drehte bereits an seiner Spansschraube und tat einzelne Schläge mit dem rechten Schlegel. Da kamen höhere Amtspersonen, geistliche und weltliche Herren, auf den Platz, und die Unterhandlungen, welche allseitig gepflogen wurden, ergaben endlich, da Nettchen fest blieb und Wenzel sich nicht einschüchtern ließ, aufgemuntert durch die Seldwyler, daß das Aufgebot ihrer Ehe nach Sammlung aller nötigen Schriften förmlich stattfinden und daß gewärtig werden solle, ob und welche gesetzliche Einsprachen während dieses Verfahrens dagegen erhoben würden und mit welchem Erfolge.

Solche Einsprachen konnten bei der Volljährigkeit Nettchens einzig noch erhoben werden wegen der zweifelhaften Person des falschen Grafen Wenzel Strapinski.

Allein der Rechtsanwalt, der seine und Nettchens Sache nun führte, ermittelte, daß den fremden jungen Mann weder in seiner Heimat noch auf seinen bisherigen Fahrten auch nur der Schatten eines bösen Leumunds getroffen habe und

von überall her nur gute und wohlwollende Zeugnisse für ihn einliefen.

Was die Ereignisse in Goldach betraf, so wies der Advokat nach, daß Wenzel sich eigentlich gar nie selbst für einen Grafen ausgegeben, sondern daß ihm dieser Rang von andern gewaltsam verliehen worden; daß er schriftlich auf allen vorhandenen Belegstücken mit seinem wirklichen Namen Wenzel Strapinski ohne jede Zutat sich unterzeichnet hatte und somit kein anderes Vergehen vorlag, als daß er eine törichte Gastfreundschaft genossen hatte, die ihm nicht gewährt worden wäre, wenn er nicht in jenem Wagen angekommen wäre und jener Kutscher nicht jenen schlechten Spaß gemacht hätte.

So endigte denn der Krieg mit einer Hochzeit, an welcher die Seldwyler mit ihren sogenannten Katzenköpfen gewaltig schossen zum Verdrusse der Goldacher, welche den Geschützdonner ganz gut hören konnten, da der Westwind wehte. Der Amtsrat gab Nettchen ihr ganzes Gut heraus, und sie sagte, Wenzel müsse nun ein großer Marchand-Tailleur und Tuchherr werden in Seldwyla; denn da hieß der Tuchhändler noch Tuchherr, der Eisenhändler Eisenherr usw.

Das geschah denn auch, aber in ganz anderer Weise, als die Seldwyler geträumt hatten. Er war bescheiden, sparsam und fleißig in seinem Geschäfte, welchem er

einen großen Umfang zu geben verstand. Er machte ihnen ihre veilchenfarbigen oder weiß und blau gewürfelten Sammetwesten, ihre Ballfräcke mit goldenen Knöpfen, ihre rot ausgeschlagenen Mäntel, und alles waren sie ihm schuldig, aber nie zu lange Zeit. Denn um neue, noch schönere Sachen zu erhalten, welche er kommen oder anfertigen ließ, mußten sie ihm das Frühere bezahlen, so daß sie untereinander klagten, er presse ihnen das Blut unter den Nägeln hervor.

Dabei wurde er rund und stattlich und sah beinah gar nicht mehr träumerisch aus; er wurde von Jahr zu Jahr geschäftserfahrener und gewandter und wußte in Verbindung mit seinem bald versöhnten Schwiegervater, dem Amtsrat, so gute Spekulationen zu machen, daß sich sein Vermögen verdoppelte und er nach zehn oder zwölf Jahren mit ebenso vielen Kindern, die inzwischen Nettchen, die Strapinska, geboren hatte, und mit letzterer nach Goldach übersiedelte und daselbst ein angesehener Mann ward.

Aber in Seldwyla ließ er nicht einen Stüber zurück, sei es aus Undank oder aus Rache.

AS ROUPAS FAZEM AS PESSOAS

As roupas fazem as pessoas	3
Kleider machen Leute	81
Literatura Livre	157
Ficha técnica	164

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

K292 Keller, Gottfried (1819 -1890)

As roupas fazem as pessoas / Gottfried Keller. Tradução de Giovane Rodrigues Silva. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).

E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 170 p.

Disponível em:

<https://mojo.org.br>

<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

Título original: Kleider machen Leute (1874). Edição bilingue Português / Alemão.

ISBN 978-65-813520-0-4

1. Literatura Alemã. 2. Novela. 3. Escritor Suíço. 4. Comportamento Social. I. Título. II. Série. III. Silva, Giovane Rodrigues, Tradutor. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.112.3

CDD 830-3

Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutenberg Project:

<http://www.gutenberg.org/files/28042/28042-h/28042-h.htm>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>